



**Valimar**  
ComUrb

**“Quem alguns dias não viveu e passeou**

**nesta ridente e amorável região...**



O Mar, o Rio, a Montanha. Uma trilogia que caracteriza e fundamenta um espaço territorial que aposta no património ambiental e natural. Esta é a revista Vale e Mar que pretende preencher a lacuna existente na informação disponibilizada pelos meios de comunicação e servir de meio de transmissão para que, quem a lê, ganhe consciência deste Território composto pelo Mar, pelo Rio e pela Montanha que o une.

Esta edição não poderia, por isso, deixar de falar de um dos temas mais emblemáticos da Comunidade Urbana: o Ambiente. Ao falarmos de Ambiente falamos em paisagem natural, em apostas de turismo de natureza, em investimentos, falamos de uma prioridade que a Valimar ComUrb desde sempre abraçou. Arcos de Valdevez, Caminha, Esposende, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo são disso exemplo e têm em comum o desígnio de manter inalterável uma paisagem que caracteriza e une estes seis municípios num espaço homogéneo – o Território da Valimar.

Nota de abertura

Nesta edição, venha descobrir as Ecovias, as aldeias de montanha, as aldeias piscatórias, venha conhecer as nossas gentes e os seus costumes arreigados. Por se tratar de um tema que actualmente preenche páginas de jornais, secções inteiras de revistas especializadas e espaços nobres das televisões, a revista Vale e Mar não quer apenas contribuir para aumentar as discussões vazias sobre ambiente, antes pretende dar um contributo para que se valorize o que existe, dando-lhe a perspectiva real da preservação ambiental e do que o país e a região têm de mais importante. Por isso, quer dar também a conhecer imagens que valem mil palavras, através de um portfólio que visita o Mar, a Paisagem e a Terra.





## O QUE É A VALIMAR COMURB

A Comunidade Urbana foi constituída a 11 de Março de 2004 pelos municípios de Arcos de Valdevez, Caminha, Esposende, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo. A paisagem verde dos vales e o azul do mar e do rio são o mote para a edificação de uma região una e coesa, tendo por denominador comum uma estrutura activa e dinâmica capaz de dar resposta a uma cooperação vantajosa entre as seis instituições autárquicas. Por isso, desde a sua constituição, a Valimar ComUrb tem pautado a sua acção pela continuidade do trabalho encetado pela extinta Associação de Municípios do Vale do Lima (Valima).

A Valimar ComUrb tem, assim, como objecto a prossecução de interesses comuns aos municípios que a integram, nomeadamente na articulação dos investimentos de interesse supra-municipal e na coordenação

de actuações entre os municípios e os serviços da Administração Central nas áreas das infra-estruturas de saneamento básico e abastecimento público, saúde, educação, ambiente e preservação da natureza e recursos naturais, segurança e protecção civil, acessibilidades e transportes, equipamentos de utilização colectiva, turismo e cultura, desporto e juventude e planeamento e gestão estratégica, económica e social, assim como a gestão territorial da área dos municípios integrantes.

A Comunidade Urbana, na constante procura da concretização dos seus objectivos, definiu uma estratégia própria de actuação mediante a concretização de um Plano Estratégico de Desenvolvimento e tem vindo a realizar um conjunto de projectos de cariz supra-municipal e transfronteiriço.





VALIMAR COMURB

Villa Moraes

Rua João Rodrigues Moraes

4990-121 Ponte de Lima, Portugal

Tel. 258909340 Fax 258909349

valimar@valimar.org.pt

www.valimar.org

**TÍTULO** Revista Vale e Mar

**DIRECÇÃO** José Paulo Queiroz

e Luís Miguel Matos

**EDIÇÃO E PRODUÇÃO** Valimar ComUrb

**COORDENAÇÃO** Carla Sofia Martins

**DESIGN E PAGINAÇÃO** Furtacores Design

**FOTOGRAFIA** Arménio Belo

excepto p. 93 [Museu do Ouro e Paulo Lopes];

pp. 69, 118, 121, 122, 123, 124, 126, 127

[Susana Matos]; pp. 102, 104, 105, 106, 108,

109 e 120 [imagens cedidas pelos Municípios

da Valimar]

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS** Tipoprado

**COLABORADORES** Bruno Miguel Costa, Carla

Sofia Martins, Cecília Marques, Florbela Soares

e Sandra Estevéns.

**TIRAGEM** 2500 exemplares

**ISBN** 972-98976-3-8

**DEPÓSITO LEGAL** 269197/07





A publicação de uma revista que abordasse com profundidade temáticas de interesse geral, mas com particular enfoque no Território da Valimar ComUrb, foi um objectivo assinalado desde a criação da Comunidade Urbana em 2004.

Após um trabalho aturado, foi possível, volvidos três anos, proceder ao lançamento da revista “VALE e MAR”.

Cumpramos agradecer a todos os que se disponibilizaram para colaborar na concepção e materialização deste projecto. A todos o nosso muito obrigado.

Esperamos que a revista seja capaz de assumir a dupla função de chamar a atenção para o que há de comum nos seis Municípios da Valimar e de realçar o que há de excelente e notável em cada um deles.

Ficam os votos de que este projecto editorial não se queda por aqui e que mereça e justifique pela adesão do público a almejada continuidade.

O Presidente da Valimar

DOSSIER TEMÁTICO Ambiente

**15** Entrevista com Pirzio Birolli **20** Reportagens

– Viagem por **aldeias de montanha**: Cabração,  
Germil e Sistelo

– Viagem por **aldeias de mar**: Apúlia, Castelo  
do Neiva e Vila Praia de Âncora **33** Portfólio

Mar, Paisagem, Terra na Valimar

**47** **Tem a Palavra** Tiago Pitta e Cunha,

Fernando Pessoa e Teresa Anderson

**63** **Lugares da Valimar** Lagoas de Bertiandos;



PNPG; Parque Litoral Norte; Ecovias da Valimar

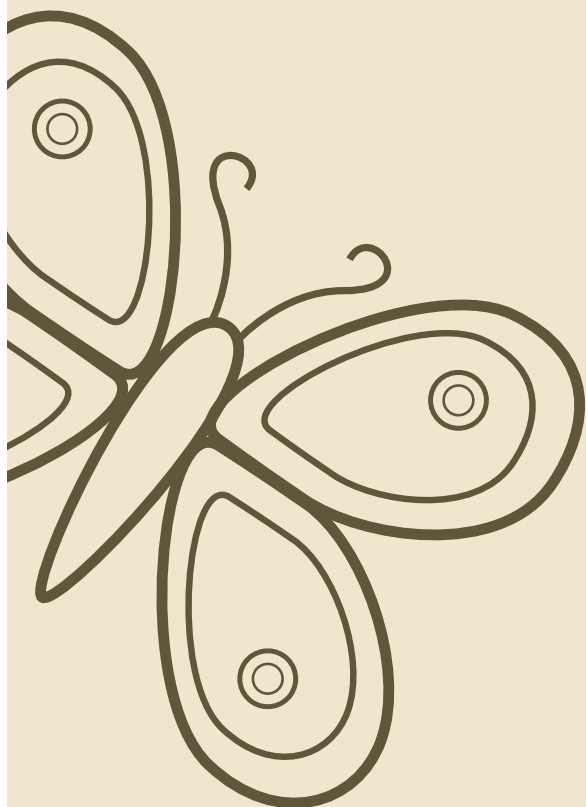
**91** *Acontece na Valimar* Oficinas da Natureza;

Arealima; Enerconpor **100** *Municípios da*

*Valimar* Arcos de Valdevez; Caminha; Esposende;

Ponte da Barca; Ponte de Lima; Viana do Castelo

**129** *Apontamentos da Valimar* Villa Moraes







DOSSIER TEMÁTICO  
**ambiente**







Entrevista



# Master Plan

## MASTER PLAN

A Valimar ComUrb tem em fase de elaboração um plano de intervenção para a região. Denominado Master Plan, o projecto foi candidatado ao LEADER+ e tem por objectivo documentar, explorar e desenvolver as potencialidades da região com o objectivo de promover o desenvolvimento sustentado e integrado. Pretende-se, assim, a sistematização da problemática do desenvolvimento da região no seio da sua envolvente histórica, social, cultural e patrimonial criando um plano que permita obter orientações para futuras intervenções na valorização das estruturas tradicionais, da paisagem, dos itinerários culturais e do património natural e edificado.

Está previsto o levantamento, recolha e metodização de informação de toda a região em diversas vertentes, tais como os aspectos históricos, paisagísticos, arqueológicos, hidro-gemorfológicos, agro-florestais, sócio-económicos, culturais de organização agrária, uso do solo e patrimoniais. O Master Plan fornece, assim, um conjunto de intervenções, subdividido em fases realizáveis de obra com respectivos projectos e intervenções e subdivididas em oito fases, que vão da verificação do território até à previ-

são das intervenções, passando por recolha de informação e publicação das conclusões.

Dos objectivos gerais do Master Plan, destacam-se o desenvolvimento sustentado do território, a supressão das barreiras e das condições de periferia/cidade, a valorização dos recursos humanos e dos bens culturais e ambientais. Com este plano procura-se obter a valorização cultural e ambiental com propostas de intervenção arquitectónica e paisagística da região, pelo que vai ter em conta o enorme valor da região. Entre outros aspectos, o Master Plan propõe um esquema geral de intervenção coerente e articulado no território.

Para atingir estes objectivos, foi convidado Roberto Pirzio-Biroli, um arquitecto italiano de renome que, entre outros, efectuou estudos e projectos relacionados com ambiente e paisagem em Itália, Alemanha e Áustria, tendo publicado artigos em diversos livros e revistas. É actualmente professor universitário na Alemanha e venceu o Piranesi Award of Architecture.

# Pirzio Birolli

## TRÊS QUESTÕES A PIRZIO BIROLI

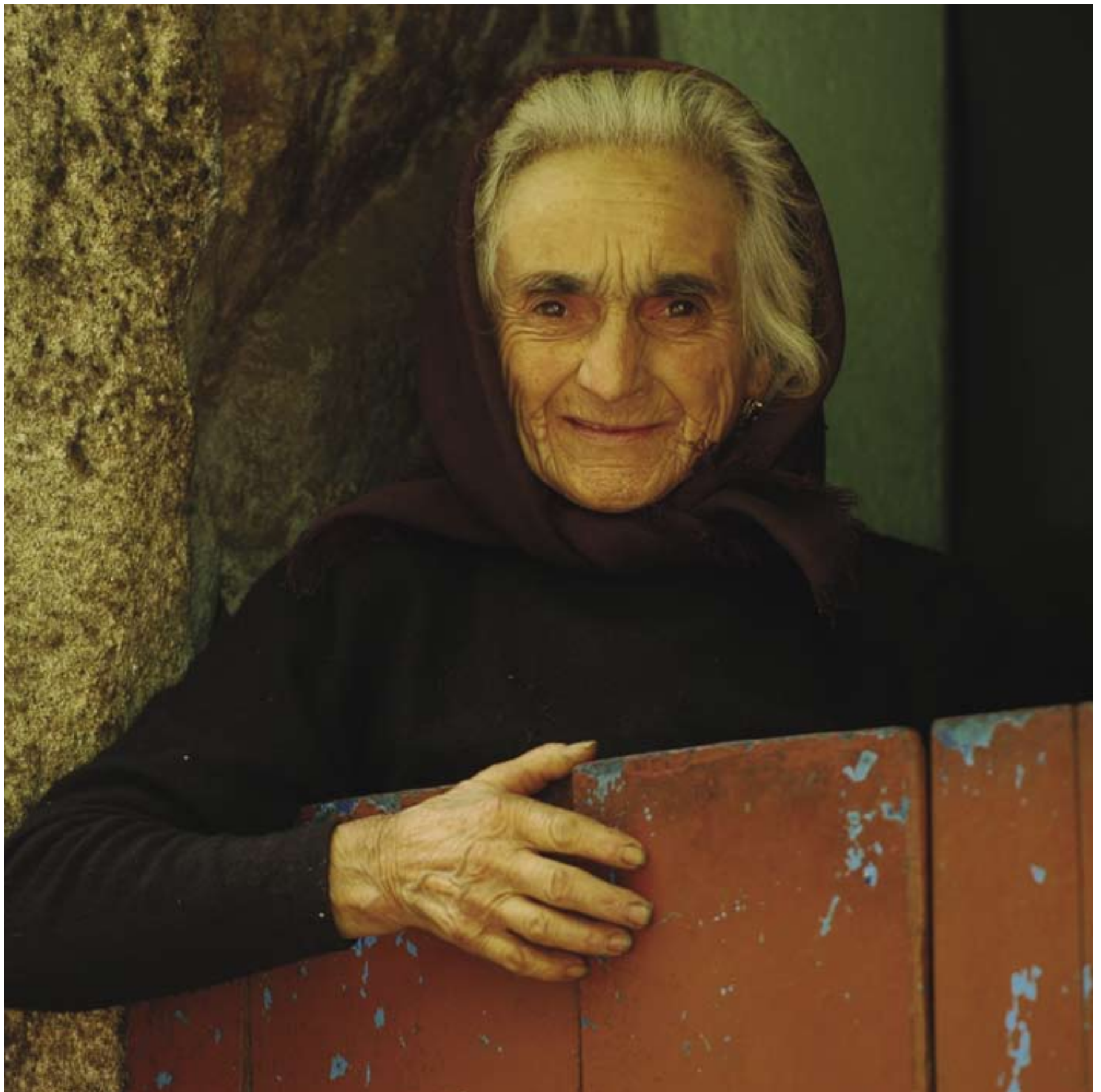
**VALE E MAR** O que é o Master Plan e qual a sua importância?

**PIRZIO-BIROLI** Um Plano Director é um instrumento de planeamento à escala municipal ou intermunicipal que efectua uma abordagem sectorial ou multi-sectorial numa perspectiva integradora. São planos vinculativos e regulamentares que se traduzem pelo cumprimento obrigatório de normas e regulamentos. A proposta feita não é nenhuma destas hipóteses, tanto mais que a região tem, já por si, um conjunto de planos territoriais que abordam a mesma matéria como o PROTAM (Plano Regional de Ordenamento do Alto Minho), os Planos Directores Municipais, o Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Lima ou o plano de gestão ambiental da foz do rio Lima, que são planos bastante recentes para neles encontrar esse suporte capaz de identificar e

justificar os projectos e intervenções ambicionadas. Acresce ainda que a Valimar está também a executar um Plano Estratégico e assim parecer-me mais oportuno enveredar por uma intervenção apoiada nos estudos e planos existentes, justificando as suas opções numa escolha criteriosa de projectos e acções executados ao longo de um território coerente e segundo um calendário e orientação enquadrados pelos financiamentos comunitários. O MasterPlan é, por isso, uma visão arquitectónica e estrutural da complexidade da paisagem existente.

**VALE E MAR** Quais os objectivos gerais, prioridades e tipologia empregue neste projecto?

**PIRZIO-BIROLI** A Valimar tem feito uma aposta continuada e persistente, embora não exclusiva, no



ambiente, no turismo e na cultura. A verteberação do território está garantida através das infra-estruturas rodoviárias principais e dos sistemas de adução e tratamento de água, saneamento e resíduos que é conseguido, aliás, por planos sectoriais com financiamento central da contrapartida nacional. Deste modo, a Valimar tem-se concentrado, e bem, em acções predominantemente imateriais que motivam a identificação com o seu território, aprofundam as parcerias e os pactos institucionais e projectam no exterior uma imagem de marca apelativa e de fácil reconhecimento.

Por outro lado, a intervenção da Valimar no território tem dado algum ênfase, directa ou indirectamente, ao mundo rural, seja através de projectos em aldeias de relevante interesse etno-histórico, seja através da promoção de trilhos e percursos de divulgação dos valores da região nos temas da paisagem, do artesanato, da gastronomia ou do património edificado.

Embora deva justificar-se a preocupação crescente com a formação e os padrões organizativos capazes de elevar os níveis de prestação e resposta profissional e, também, aumentar a capacidade produtiva do potencial e dos recursos disponíveis no território. Há, ainda, muito a fazer nos temas que a Valimar tem privilegiado, ou seja, pode haver interesse num plano que se concentre, por exemplo, nos temas do ambiente, da paisagem e do mundo rural mas que não precise de um enquadramento imperativo numa figura de planeamento com validade jurídica no país.

**VALE E MAR** Qual será o processo a seguir na concretização do Master Plan?

**PIRZIO-BIROLI** Um processo possível é utilizar uma figura de planeamento ao nível de Freguesia e tentar um conjunto coerente de freguesias que venha a dar unidade de propósitos ao plano de acções e projectos seleccionáveis nesse território. É o caso de um Plano de Intervenção com uma abordagem multidisciplinar, aprovado em sede de concelho após consulta aos sectores, e coerente com os PDM's já revistos ou em processo de revisão. Um Plano de Intervenção permite a construção de uma carteira de projectos e acções concentradas no território escolhido e dentro do espectro de temas mais tradicionais da Comunidade Urbana.

Outro método seria escolher um Projecto de Execução Temático num território escolhido que pudesse ser destacado em diferentes fases ou tramos mas que, ao fim, se traduzisse num caso emblemático e com visibilidade. É o caso, por exemplo, de um percurso ou caminho que pode ter um projecto de execução geral destacável em tramos ou lanços onde sejam promovidas as suas singularidades de interesse ambiental, cultural, patrimonial, paisagístico ou outro mas que, em conjunto, resulta numa ligação territorial coerente com este e outros projectos da Comunidade Urbana, como são o caso do Valmont (intervensões em aldeias de montanha) ou Guarda-Rios.

**Texto** Carla Sofia Martins

**Viagem por aldeias  
de montanha:  
Cabração, Germil  
e Sistelo**

**Viagem por aldeias  
de mar: Apúlia,  
Castelo do Neiva e Vila  
Praia de Âncora**







# Aldeias de Montanha

## ALDEIAS DE SILÊNCIO

O piso ainda é em terra batida ou de um empedrado irregular marcado pelos anos. Os animais de estimação, sobretudo cães, ainda vagueiam pelas ruas em liberdade e, de tempo a tempo, ainda se vê algum morador de boné e cajado vaguear como que a quebrar o encanto das aldeias de montanha. Encravadas entre altas escarpas graníticas e rodeadas por verdes cumes próprios de serras belas e agrestes, as aldeias de Germil, Sistelo e Cabração mantêm vivos os usos e costumes do Vale do Lima e os cenários bucólicos únicos que as caracterizam. Mas, no entanto, há uma característica que as demarca das demais aldeias espalhadas pelo país: um nobre silêncio tranquilo apenas entrecortado pelo som da natureza no seu estado mais puro.

Isto porque tudo parece ter ficado esquecido nestas aldeias de montanha. Não fossem as muitas influências arquitectónicas marcadas nas casas fechadas dos emigrantes e poderíamos ter recuado ao tempo em que não havia electricidade, nem automóveis, nem cimento e alumínio. É que, para ali chegar, ainda se atravessam inúmeros campos de cultivo, áreas de floresta num quase estado virgem, ainda se sente aquele silêncio cada vez mais difícil de quebrar. E ainda tem que se seguir por estradas sinuosas, cheias de curvas e pavimentadas em paralelo. Ainda se vêem os pequenos recantos onde os regatos cantam até desaguar no rio Lima.

Obrigatório é parar e contemplar. Contemplar o verde, a calma e o silêncio. Proibido é quebrar o silêncio. Só há silêncio. Nada mais do que aldeias de silêncio.



## Germil

### ONDE A TRADIÇÃO AINDA É O QUE ERA

Germil não tem mais do que sessenta habitantes. Número pequeno para quem pensa e vive numa qualquer aldeia, por mais pequena que seja. Germil é uma típica aldeia de montanha situada num dos muitos cumes da Serra Amarela, em pleno Parque Nacional da Peneda Gerês (PNPG) e a escassos quinze quilómetros da sede de concelho, Ponte da Barca. Mas a altitude (que varia entre os quatrocentos e os oitocentos metros) traçou-a como sendo mais um daqueles locais de difícil acesso, isolada e voltada para si mesma. A aldeia é composta por apenas dois aglomerados populacionais e, como seria de esperar, sofreu ao longo dos tempos de um mal que afectou todo o país durante décadas: a emigração desenfreada. Por isso, a agricultura de subsistência, aliada ao pastoreio em regime extensivo fizeram de Germil uma aldeia auto-sustentável e isolada.

Basta dar uma volta – preferencialmente a pé – pela freguesia para ver que uma ida à sede de concelho – a vila de Ponte da Barca – é algo que não acontece, por normal, mais do que uma vez por mês, como nos confirma uma das habitantes do Lugar de Fundevila, um daqueles lugares encostados a socialcos verde escuro salpicados de pequenas casas que mantêm uma traça característica do Alto Minho (a casa de habitação tem sempre um rés do chão onde os animais dormitam durante a noite e um primeiro andar habitável, ladeada pela pequena eira com respectivo espigueiro e cão a ladrar aos desconhecidos que se aproximam).

Dona Adelaide, de rosto marcado por anos de trabalho no campo, não conta mais de sessenta anos, mas todos passados em Germil. Enquanto esperava no largo de Fundevila pela camioneta que fornece o pão à freguesia uma vez por semana, põe “a conversa em dia” com os outros moradores que, afinal, se contam pela palma da mão. Ainda assim, é a única que fica para conversar e a única que assegura que pouco mudou em sessenta anos na freguesia. “Só temos o carro do pão uma vez por semana, só temos uma venda, e por isso juntámo-nos vários, chamamos um carro e uma vez ou duas por mês vamos à vila”, afiança Dona Adelaide, cheia de pressa para fazer “o jantar do meio-dia” ao marido que anda pelos campos a trabalhar e ao filho, que regressa do emprego na vila.

“Nasci, cresci e vivi sempre aqui, e olhe que quero morrer aqui se for essa a vontade de Deus”, reclama quando questionada sobre o passado de Germil, que assegura não ter mudado muito, dependendo ainda da pastorícia e da agricultura. “Agora sempre há os tractores, essas coisas mecânicas e, como agora é mais fácil ir à vila, temos acesso a outras coisas que não tínhamos como a fruta”, sublinha, garantindo que essa será mesmo a maior diferença que nota: “agora há fruta e antes não porque aqui por cima é muito frio”, responde com o seu sotaque característico. Quanto ao futuro, exclama laconicamente que “há que trabalhar!”.

E, efectivamente, o trabalho agrícola parece ser o único movimento e o único proveito económico da freguesia de Germil, situada a apenas 14 quilómetros de Terras de Bouro. Actualmente, comentam os moradores, começam a aparecer turistas para







visitar a aldeia e ficam instalados em casas antigas de lavrador recuperadas. Ainda assim, o cepticismo reina entre os populares, que continuam a sobreviver da terra e do gado, das vacas cachenas e do milho, que ainda malham numa eira comunitária. São pastores e agricultores afáveis que parecem viver no passado e que dele não abdicam, perpetuando usos e costumes e mantendo em equilíbrio a natureza que os rodeia.

## Sistelo

### PELOS CAMINHOS DO PASSADO

A 520 metros de altitude, o Lugar de Padrão encima a aldeia de montanha de Sistelo, freguesia do concelho de Arcos de Valdevez. Juntamente com Germil, é uma das mais espectaculares paisagens humanizadas e típicas de um povoamento serrano, mas distingue-se pela sua ocupação. Rodeada de vinhedos, os mesmos que dão sombra às estreitas ruas daquele Lugar, Padrão vive “à moda antiga”. Por ali ainda se passeiam livremente as vacas, os cães e as poucas crianças do lugar.

“Aqui já só há velhos”, diz Esperança Afonso, a única que não fugia e não demonstrava a mesma timidez dos outros (poucos) habitantes. “Isto aqui está tudo na mesma... não mudou nada mas é por isso mesmo que quero morrer aqui”, delibera Esperança, enquanto se senta debaixo de uma vinha em frente a casa cujo granito escureceu com o passar dos anos.

Esperança lembra, sempre sorrindo, as viagens que fez pela América onde tem os filhos emigrados e “ir à cidade (Viana do Castelo) só quando está alguém no hospital”. Daí que o seu mundo gire em torno de Padrão e dos tempos em que se “bailava” e se percorriam os caminhos romanos do outro lado do monte para ir às romarias durante a noite. Hoje, a perna não deixa, os filhos estão criados e Esperança guarda um orgulho próprio de quem ama o sítio que a viu nascer. “Já foram ver as brandas?” questiona, explicando que quer as brandas quer as inverneiras de Sistelo são agrícolas e “que vem gente de todo o lado para ver, até de França”.

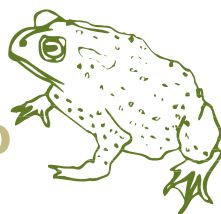
Um pouco mais à frente, sentada junto a um espigueiro abandonado, Maria observa sozinha à espera de alguém para “enfiar conversa”. Sobre o Lugar de Padrão, diz que “é um sítio muito escravo e frio no Inverno”. As mãos enrugadas pelo tempo e pelo trabalho contam mais de oitenta anos de história: foi carvoeira e desde os oito anos percorre toda a serra. “Ía ao carvão com os meus pais e os meus irmãos, era uma vida muito escrava, não tínhamos nadinha, só dava para comer”, queixa-se num tom amargurado, recordando que o carvão vegetal da região era depois carregado em mulas e vendido na sede de concelho – Arcos de Valdevez – e em Ponte da Barca.

Em Sistelo, os populares gostam de falar com os visitantes que procuram a calma dos montes e visitam o castelo, que se destaca na paisagem. O Castelo de Sistelo é um palácio do século XIX de cariz revivalista com planta rectangular, com frontespício entre torres ameadas e jazigo neogótico. Visitar Sistelo é, por isso, viajar no tempo, é um voltar na His-

tória de Portugal, é sentir o grito das águias, ouvir o som dos riachos que correm mais abaixo, é sentir a natureza rural do Vale do Lima.

## Cabração

XISTOS DO TEMPO



Em plena Serra d' Árga e com o rio Estorãos no fundo do vale, surge Cabração, freguesia montanhosa de Ponte de Lima. Mais acima, praticamente a setecentos metros de altitude, encontra-se Escusa, nome de um dos lugares mais recônditos daquele concelho. Aqui, o som do vento, da água dos ribeiros e dos pássaros que chilreiam numa tarde de fim de Verão são os únicos sons que perpassam um silêncio absoluto. Aqui, sente-se o cheiro da terra cultivada sem que se veja viva alma. Em Escusa, mantêm-se tradições seculares e ao início da tarde os seus quinze habitantes estão nos campos de cultivo.

E não fossem alguns ruídos civilizacionais como os postos de electricidade que pontuam aqui e ali, a paisagem que lembra as histórias e os cenários bucólicos dos romances de Júlio Dinis, aliada à desordem de povoamento, e Escusa estaria perdida no esquecimento dos anos. A rua estreita, com margens de

vinhedos e habituada a ser percorrida apenas pelas carroças puxadas pela força dos bois, não tem saída e desemboca num pequeno largo com uma “presa de água” onde encontramos Domingos Rodrigues, uma daquelas personagens únicas que apenas nos surgem nos livros de viagem.

“Vieram atrás das placas?”, pergunta, em alusão à sinalização que, nos cruzamentos, assinalam o caminho para Serra d' Árga. “É que não há nada para ver”, remata, lembrando que ali “e contando pelos dedos”, moram 16 pessoas, “tirando no Verão, que vem os emigrados e mais os que estão a comprar aqui as casas e as recuperam”. Morador de Escusa há mais de trinta anos, agricultor por “obrigação”, fez a escola em Cabração, de onde partiu para Lisboa, tal como acontecia na altura com a maior parte dos “rapazes”. “Não podia ser pior, aquela altura. O meu pai era de Estorãos e ía para as minas da Caldeirinha para o estanho. Passou-se muito, agora é tudo melhor, mesmo aqui em cima”, retrata.

Domingos foi taberneiro, carvoeiro e abriu “trincheiras de pá e picareta” em França. Gosta de Escusa como gosta do silêncio e do som do barulho do vento a percorrer os caminhos. A vinha e a oliveira são hoje o seu passatempo e a forma de sobrevivência. O mesmo acontece com os outros habitantes daquele lugar perdido na Serra d' Árga que quase ninguém conhece, mas que ainda guarda as marcas de uma vida de trabalho nas pedras das suas casas de xisto.

Escusa foi deixada num silêncio quebrado pelos sons do tempo.





# Aldeias de Mar

## ALDEIAS DE SONS

Sentados em caixas de madeira que, normalmente, são ocupadas por peixes de todos os tamanhos, fruto de um dia de faina, vários homens ocupam-se das redes. Ao fundo, o mar e as ondas, ao lado, o barulho dos filhos, sobrinhos e afilhados que brincam entre “cobos”, redes e canas. São mãos rudes e fortes as que trabalham afincadamente os remendos das redes esverdeadas, cansadas de anos de trabalho diário. O sol, que curte as peles dos pescadores no Inverno e as dos milhares de turistas no Verão, inunda as praias do norte litoral e, desde a Apúlia até Caminha, são muitas as histórias que se repetem, num lamento amargo que lembra os lamúrios do mar em noite de tempestade.

### Apúlia

#### O SARGACEIRO E O PESCADOR

Esposende. Dez horas de uma manhã solarenga de Inverno. O barulho das ondas que embatem furiosamente contra o molhe que separa o Rio Cávado do mar serve de música de fundo para aqueles que escolheram aquele espaço para passar a manhã. Por lá passam reformados que se encostam ao paredão e conversam sobre o jogo de futebol, sobre o tempo dos últimos dias e sobre a vida “que está cada vez mais cara”.

Mas há os que aproveitam a manhã para a prática do desporto ou mesmo para a pesca à cana. Naquela manhã fria, apanha-se tudo o que “apareça na ponta da cana, desde robalos a tainhas”, mas que, naquele dia, teimavam em não aparecer. Só



as gaivotas parecem ter sorte, ecoando pequenos gritos junto à costa e lembrando a tempestade no mar. Ao longe, a neblina esconde uma manhã de tempestade. Diz-se aqui e além que não dá para a pesca, mas sempre dá para apreciar o longo areal que, depois de interrompido onde o rio encontra o mar, nos mostra a vila de Apúlia, tradicionalmente conhecida pelo sargaço.

Na Apúlia, onde o Mar encerra todas as memórias de uma História feita de lágrimas, cansaço e pesca, os extensos areais são pontuados pelo sargaço, pilado ou moliço. A apanha do sargaço, fertilizante ainda hoje utilizado na agricultura local, deu lugar a uma velha tradição e ainda hoje se vêem homens e mulheres envergando trajes brancos que acumulam as algas marinhas retiradas das rochas do mar nos areais para que sequem. A utilização deste fertilizante, prioritário em terrenos arenosos, deu lugar a que se desenvolvessem os baldios. O Baldio dos Sargaceiros da Apúlia, situado na faixa litoral norte, estende-se por mais de 170 mil metros quadrados entre Sedovém e Pedrinhas, e conserva uma tradição que agora se pretende preservar a todo o custo, candidatado a Património da UNESCO.

Esposende, que já foi antiga estação naval, fortaleza marítima e estaleiro medieval, esconde assim pequenas maravilhas que se descobrem pelos sentidos. O cheiro do mar, o som das ondas, a vista do azul do mar e do colorido dos barcos, chamam para uma visita. Conhecer as histórias dos naufrágios, ouvir os sons estridentes das sirenes e encontrar a tranquilidade única do mar revolto são o mote para que siga o conselho de um pescador: “é preciso vir cá para saber do que se fala”.

## Castelo de Neiva

### AMOR PELO MAR

O mar alterado, a neblina intensa e as dunas deixam antever mais um dia fora do mar para a pequena comunidade piscatória de Castelo de Neiva, em Viana do Castelo. No cimo do areal estão dezenas de barcos coloridos, alinhados em terra à espera do chamamento do mar. As mulheres ainda utilizam o avental e os chinelos, os homens do mar – porque ali os homens tem as mãos gastas e usam sempre botas de borracha amareladas pelos anos – contam as histórias da “desgraça” onde ficam “nas mãos de Deus” e com “o credo na boca” e tudo corre devagar quando não há idas ao mar.

Só os barcos não parecem encarnar estas devoções pelo divino. O “Baixa-Mar”, o “Glorioso” e o “Mosca” repousam os seus nomes na tradição das terras de mar, mas a verdade, conta quem sabe, já não é tão bonita. “A pesca já não dá nada”, conta, amargurado, António Sousa, pescador por “passatempo” em terras do Neiva. “São poucos os pescadores, são poucos os sargaceiros do Castelo e só o amor do mar é que não nos tira disto”, garante.

A estes aventureiros do mar apenas restou a emigração para França ou para a Suíça porque as crises que vieram com o crescimento dos grandes mercados os “tirou de circulação”. “Valem ao menos os turistas para alegrar a coisa”, afiança o pescador dando a entender que, como outrora, Castelo de





Neiva continua a ser cartão de visita pelas praias, pelo extenso areal e pelo peixe fresco que se pode comprar onde acabam as dunas e começa o casario típico daquela aldeia de mar.

Mas, no Inverno, as casas dos turistas estão fechados, os restaurantes de peixe e marisco funcionam com menos clientes e a vida dos pescadores mantém-se inalterável como há cem anos. Os pescadores descansam junto aos armazéns com as redes estendidas, as mulheres já foram vender o peixe e, naquele dia, nada resistiu à mudança. Junto ao Rio Neiva, Castelo de Neiva faz juz ao cognome do concelho de Viana do Castelo, terra de marinheiros. O Mar, esse continua a fazer parte da História de Castelo de Neiva que, em tempos, foi porto comercial e porto agro-piscatório de grande importância, terra que descende dos povoados castrejos que ali habitaram até ao século IV.

## Vila Praia de Âncora

### AS TRAMAS DE ÂNCORA

É a maior comunidade piscatória da região. Vila Praia de Âncora, ao sol erguida, assume-se como terra virada ao mar e para o mar. A praia, o forte do século XVII e os seus mais de cinquenta pescadores profissionais fazem-na viver e reviver novamente todo o seu passado orgulhoso. Os barcos alteados junto ao portinho, as redes verdes cujas tramas é necessário consertar diariamente, são motivos de um quadro pintado à mão que faz referência ao

mar que, mesmo ali, se abre tumultuoso quase todos os dias do ano.

É-lhes, sem dúvida, mais fácil falar das desgraças, das dificuldades, dos naufrágios ou não estivéssemos em terra de lendas, onde a paisagem e o mar as tornam únicas. Esta vila piscatória deve o seu nome ao rio de apenas quinze quilómetros de extensão que nasce nas faldas da belíssima Serra d'Arga e que, pela beleza dos açudes e engenhos, ficou conhecido mesmo pelos romanos. Vila Praia de Âncora conta a história das desgraças, das incursões marítimas de piratas que obrigavam as comunidades a refugiar-se, da célebre batalha entre lusitanos e romanos. Hoje, é praia cosmopolita, vila de intenso interesse comercial e industrial, conhecida como sendo a “verdadeira” vila piscatória nos guias de turismo nacionais e internacionais.

Por tudo isso, os pescadores locais se podem orgulhar, mas também de ser o local eleito para um passeio na marginal, para um banho de sol no seu extenso areal junto à foz do rio Âncora ou para uma visita de cortesia ao seu pequeno centro histórico. Os sons do Âncora perdem-se pelas ruelas estreitas, pelas crianças que brincam junto ao forte, pelas lengalengas dos velhos pescadores e pelos lamentos daqueles que não resistem ao apelo do mar.









“Do Alto da Minha Aldeia Eu Vejo o Mundo”

Fernando Pessoa

Fotografias de

# Arménio Belo

**Mar, Paisagem, Terra na Valimar**

Portfólio

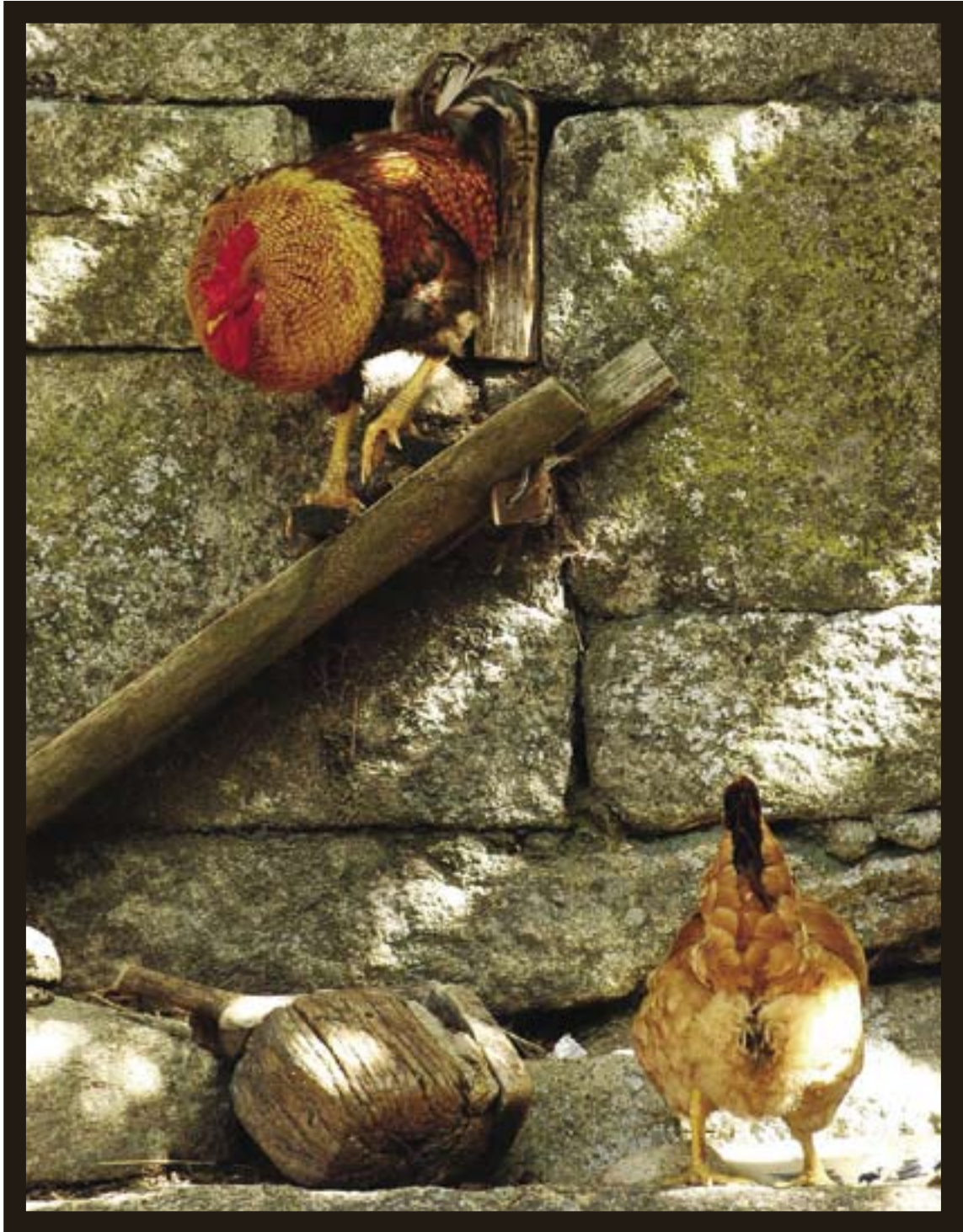






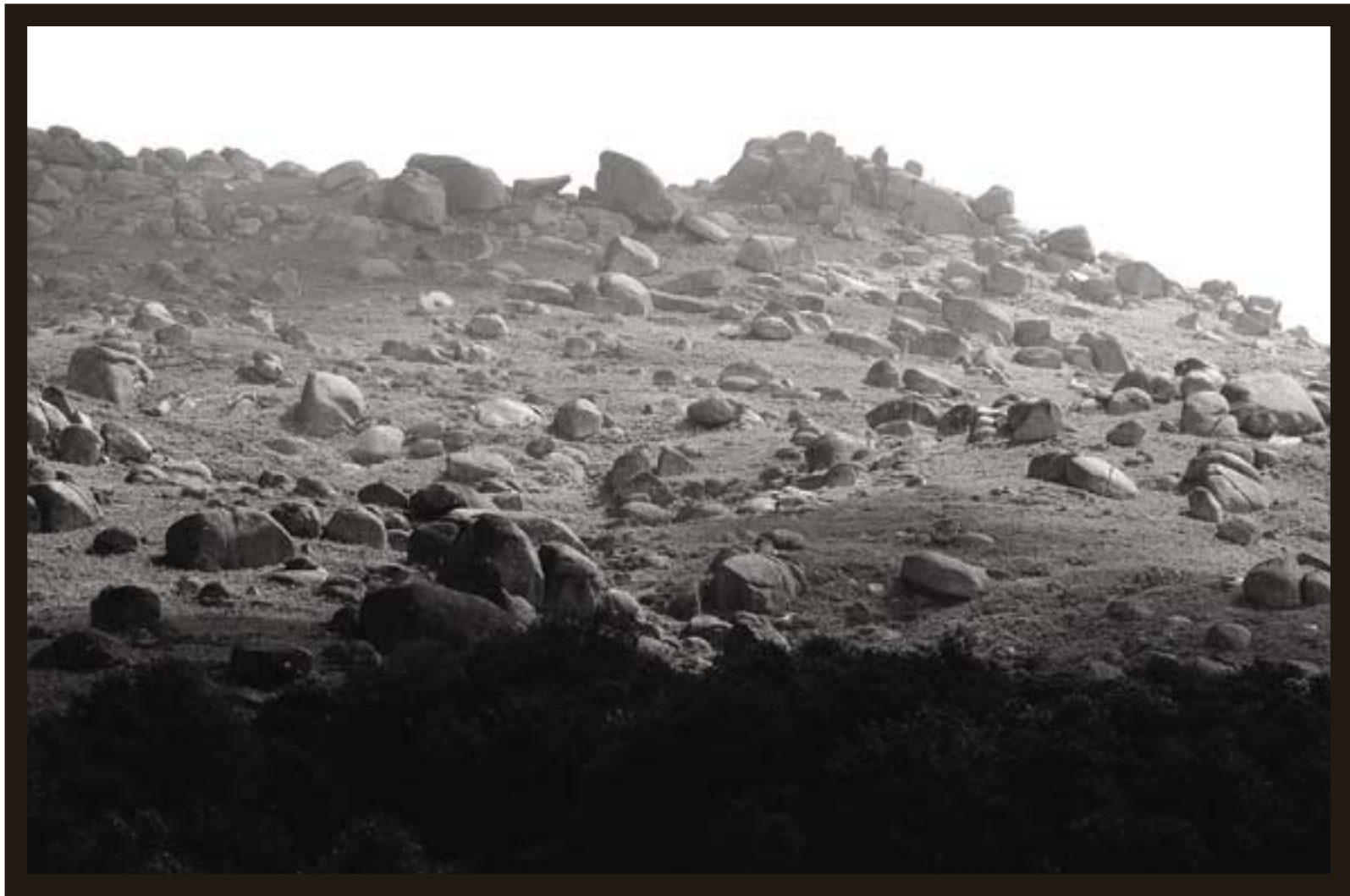




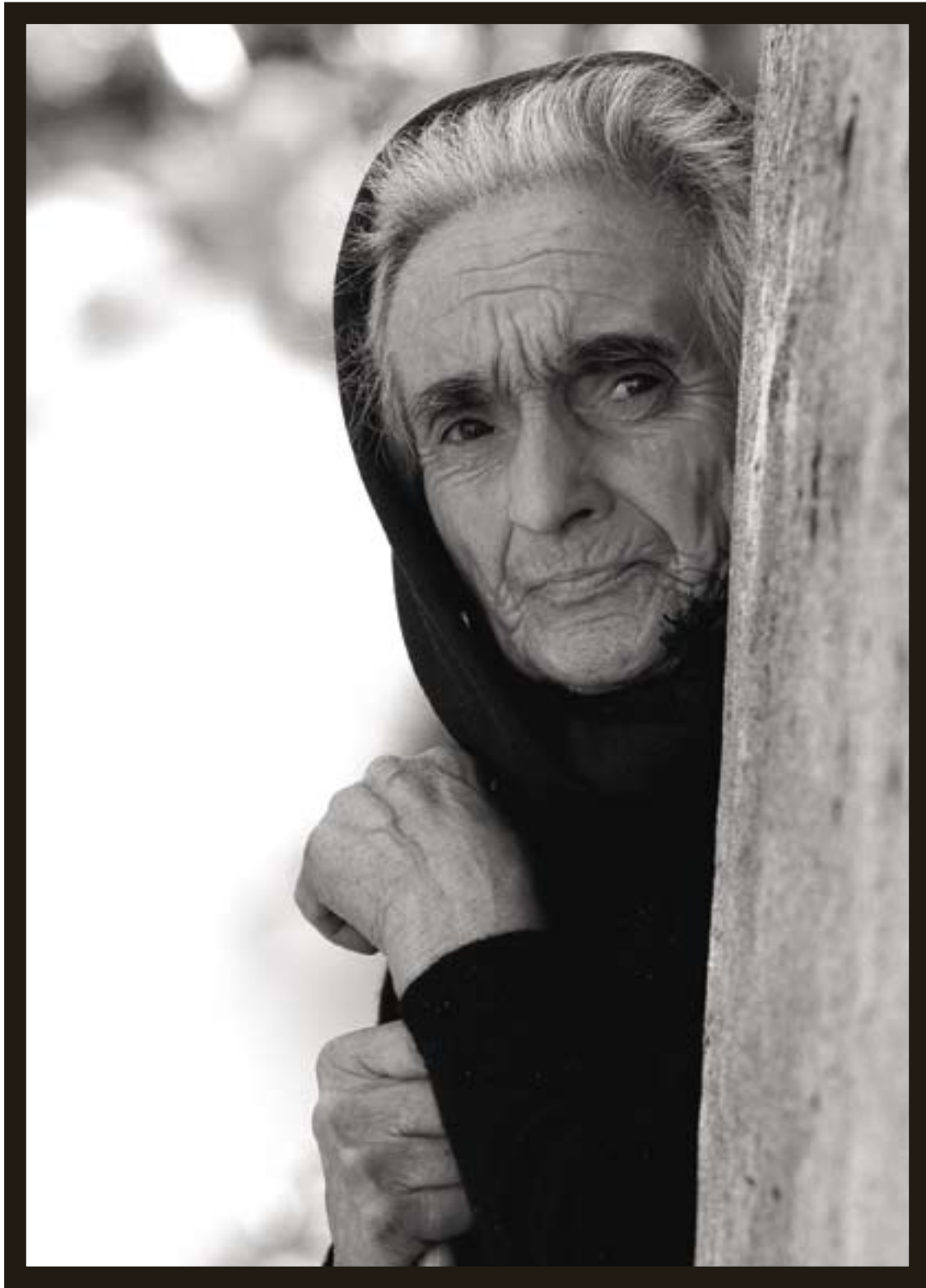










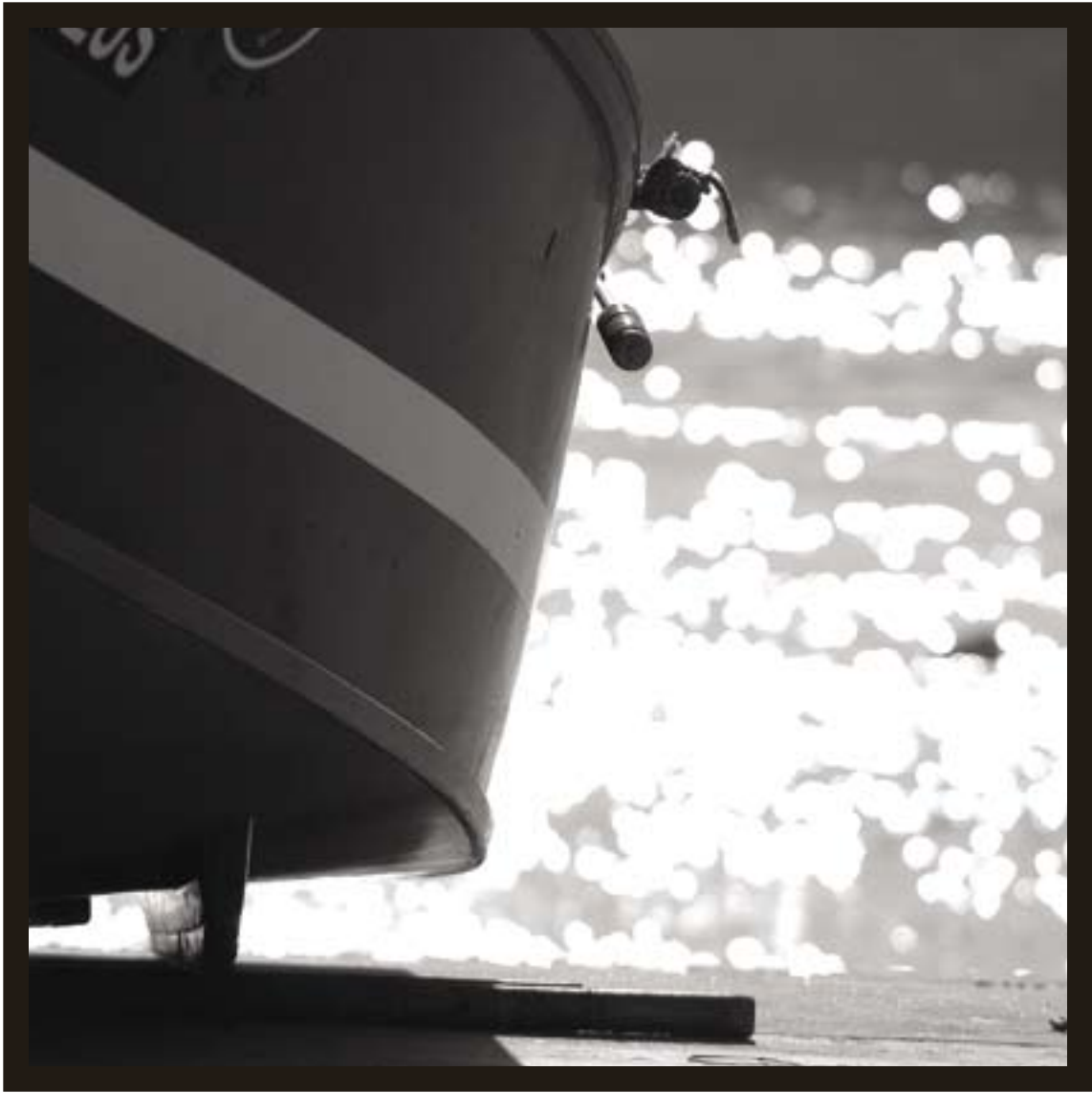














Tiago de Pitta e Cunha Ferna  
Teresa Anderson Tiago de Pi  
Fernando Pessoa Teresa And  
Tiago de Pitta e Cunha Ferna  
Teresa Anderson Tiago de Pi  
Fernando Pessoa Teresa And  
Tiago de Pitta e Cunha Ferna  
Teresa Anderson Tiago de Pi  
Fernando Pessoa Teresa And  
Tiago de Pitta e Cunha Ferna  
Teresa Anderson Tiago de Pi  
Fernando Pessoa Teresa And

ndo Pessoa Teresa Anderson  
tta e Cunha Fernando Pessoa  
erson Tiago de Pitta e Cunha  
ndo Pessoa Teresa Anderson  
tta e Cunha Fernando Pessoa  
erson Tiago de Pitta e Cunha  
ndo Pessoa Teresa Anderson  
tta e Cunha Fernando Pessoa  
erson Tiago de Pitta e Cunha  
ndo Pessoa Teresa Anderson  
tta e Cunha Fernando Pessoa  
erson Tiago de Pitta e Cunha

Tem a palavra

**Texto** Tiago de Pitta e Cunha

**Assessor para os Assuntos do Mar da Comissão Europeia**

# A EXPLORAÇÃO DO OCEANO: UM FACTOR DE DESENVOLVIMENTO PARA O LITORAL NORTE DE PORTUGAL

No dealbar do século XXI, confrontamo-nos em Portugal com uma realidade internacional marcada essencialmente por dois factores principais: a globalização e o aprofundamento da integração europeia, com o alargamento aos países do centro e do leste da Europa.

A globalização, um fenómeno evolutivo, vem exigindo uma abertura cada vez maior da nossa economia, e significa mais concorrência externa e mais homogeneidade cultural dos países e regiões do mundo. O aprofundamento da União Europeia e o alargamento para o interior do continente europeu, acaba por traduzir-se numa versão regional (europeia) mais acelerada e mais profunda da globalização, na medida em que também significa concorrência acrescida e que implica maior uniformidade

cultural na Europa. Para além disso, o país torna-se ainda mais periférico face a um epicentro europeu desviado para o leste do continente.

Torna-se necessário, por isso, procurar um posicionamento do País que permita tirar partido da sua particular localização geográfica, enquanto país de fronteira entre três continentes: Europa, África e América.

Neste contexto internacional, afigura-se cada vez mais necessário encontrar mecanismos de reforço ou até de *reconstrução* de uma *imagem nacional*, aqui entendida não apenas como marca distintiva do país no exterior, mas também como percepção que os portugueses têm de si próprios enquanto nação. Se o País não interiorizar e não conseguir projectar uma *marca* distintiva de qualidade, tornar-se-á cada vez menos relevante no panorama internacional.

Perante este quadro, o oceano assume um significado especial para um país como Portugal.

O reconhecimento do peso avassalador do elemento marítimo na manutenção, ao longo da história, da nossa independência política e económica, e até na definição da nossa mais intrínseca índole colectiva, parece justificar por si mesmo que Portugal deva eleger os oceanos como elemento central de uma identidade a consolidar e de uma imagem externa que necessita projectar.

O reconhecimento da nossa *maritimidade* e a sua subsequente exploração oferece múltiplos benefícios à afirmação da imagem de Portugal como um país moderno. Com efeito, o oceano encerra dimensões a que se associa cada vez mais a modernidade e o futuro: o oceano como um recurso crítico ao desenvolvimento sustentável do planeta; factor ambiental por excelência; “última fronteira” da ciência e da tecnologia; espaço privilegiado de turismo, de cultura, de desporto, de saúde, de lazer e de bem-estar.

Em resposta a esta visão, foi há cerca de dois anos constituída em Portugal a *Comissão Estratégica dos Oceanos*, com a missão de apurar qual é realmente o potencial do mar para o desenvolvimento do País. Subjacente à criação deste grupo de trabalho estava a ideia de que havia que abandonar a forma tradicional como temos vindo a pensar o mar, devendo deixar de o olhar compartimentado, através dos usos que fazemos dele, i.e. o mar enquanto actividade pesqueira, portos ou transportes marítimos, para se passar a uma nova abordagem do

mar: a abordagem do desenvolvimento sustentável do oceano, que implica pensar o mar como um todo interrelacionado.

Nesta nova abordagem, o mar já não é apenas as pescas, nem as outras actividades marítimas tradicionais, mas é algo muito mais abrangente. É um sistema fundamental de suporte do planeta, pela influência que tem nos climas, nos ciclos hidrológicos, pelo seu papel de sumidouro de dióxido carbono e de fonte de oxigénio. Ele é o recurso natural mais importante do País, enquanto base de inúmeras actividades económicas, que incluem indústrias muitas vezes não associadas directamente ao mar, como o turismo, a gastronomia, as energias renováveis e o *cluster* das empresas associadas à construção e reparação naval. Ele é um elo de ligação entre as partes componentes do todo nacional, isto é, a ligação entre os arquipélagos atlânticos e entre estes e o território continental. É um espaço geoestratégico de defesa, e valorizado como tal pela Aliança Atlântica (NATO). Enfim, o mar é também ciência, é ambiente, é educação e cultura, é literatura e é uma mais valia na imagem de marca que se possa difundir de Portugal.

A Comissão Estratégica dos Oceanos, não obstante pioneira na Europa, com a sua nova abordagem aos oceanos, não inventou propriamente a roda. Um pensamento e abordagem semelhantes têm vindo igualmente a ser desenvolvidos com sucesso em outras regiões do mundo, como a Austrália ou o Canadá. O efeito bola de neve começa também a sentir-se e a mesma abordagem está agora a ser



desenvolvida pela Comissão Europeia – que anunciou o lançamento de uma futura política marítima para a Europa como uma prioridade do seu mandato - bem como por Estados e regiões de países que são membros da União Europeia, como a França, a região de Schelwig-Holstein no norte da Alemanha ou a Galiza, aqui ao lado.

Assim sendo, a pergunta que interessa colocar é saber, face à importância e ao renovado papel do mar para Portugal e para a Europa, de que forma esta nova abordagem pode ser desenvolvida também no litoral norte de Portugal e em particular na área costeira compreendida entre Esposende, Viana do Castelo e Caminha?

Ou, de forma mais clara, saber qual pode ser o papel do mar para o desenvolvimento desta região?

A resposta é simples. Tão simples quanto a pergunta: a exploração do mar segundo a óptica moderna acima referida é não só muito importante, como é mesmo determinante para a prosperidade e a qualidade de vida desta região ribeirinha. Basta olhar para a vizinha Galiza e perguntar qual é o papel do mar nessa região espanhola?

Indiscutivelmente, como todos sabemos, o mar é a imagem de marca da Galiza, representando não apenas um relevante sector primário dessa região, constituído pelas pescas e pela aquacultura, mas representando hoje um *cluster* marítimo que é competitivo à escala mundial. Porém, nada disto aconteceu naturalmente, ou por caso. O que aconteceu

na Galiza e mais ainda o que está para acontecer é o resultado de uma aposta lúcida e determinada da região no seu principal recurso natural: o mar. É por causa desta aposta que temos assistido ao desenvolvimento dos portos da Galiza, e do de Vigo em especial, é por isso que a Galiza desenvolveu nas últimas décadas um poderosa frota pesqueira de longa distância, e uma indústria de transformação de pescado multinacional. É seguramente por isso também que a Espanha candidatou esta região e conseguiu que ela fosse a sede da futura Agência Europeia de Pescas.

A prova evidente de que há uma estratégia intencional e bem alicerçada na Galiza com vista à exploração do oceano está na publicação, no início deste ano, pelo Governo da *Xunta de Galicia*, de um livro verde sobre política marítima, intitulado “*A Lusión do Mar*”, o qual foi muito recentemente seguido por um livro branco básico da política marítima da Galiza.

Se quisermos envergar a nossa tradicional veste imobilista, e fazer de cépticos ou pessimistas podemos vir dizer que é um disparate e não há que comparar o litoral norte com o litoral sul do Rio Minho. Argumentaremos que se tratam de casos diferentes, sendo que a costa da Galiza é muito mais adequada ao desenvolvimento de uma fileira das pescas etc., etc.

Não é, todavia, assim, que devemos pensar. Não é a olhar para o que a Galiza tem de melhor, ou faz de melhor e resignarmo-nos a não o ter nem fazer. É, ao contrário, olhar para o que o norte litoral de Por-



tugal tem de potencial marítimo e a partir daí gizar uma estratégia integrada para explorar de modo sustentável esse potencial.

Nesta óptica, a existência e proximidade da Galiza, não é um factor de concorrência, mas sim um factor inspirador e uma vantagem competitiva. Conhecendo-se, por exemplo, a indústria transformadora de pescado que a Galiza tem (e que aliás não tinha há vinte anos atrás), porque não pensar em desenvolver uma indústria de aquacultura na mira não apenas do cliente final, mas também da poderosa indústria transformadora galega? Cada vez mais no futuro estas duas indústrias – aquacultura e indústria transformadora de pescado – estarão interligadas. Mais a mais, em Portugal o consumo de peixe é destacadamente o mais elevado da Europa, com cerca de

60 Kg, *per capita*, por ano, comparados com cerca de 39 kg, *per capita*, por ano, em Espanha, e por 24 Kg, *per capita*, por ano para a média europeia. Perante a realidade destes números, porque não se inspira o litoral norte de Portugal no modelo galego e, para além da aquacultura, não desenvolve mais a indústria transformadora de pescado nas áreas dos produtos embalados, congelados e fumados ou nas refeições pré-confeccionadas?

O litoral norte de Portugal não é, porém, apenas pescas e aquacultura. Esta área do País tem outras mais valias que recomendam e redobram a aposta na sua dimensão marítima. Pensemos no turismo náutico e de mar, que pode ser desenvolvido não só a partir de indústrias turísticas costeiras já desenvolvidas em áreas como Esposende, como pode ser

criado de novo noutras áreas. O desenvolvimento deste vector requer um grande esforço para libertar os sectores das actividades marítimo-turísticas e da náutica de recreio da burocracia que os asfixia e para promover a construção das infra-estruturas que são necessárias e de que esta região litoral norte tanto necessita. Na verdade, a região litoral norte do País, embora não possa ambicionar ao mesmo aproveitamento das actividades marítimo-turísticas e da náutica de recreio que tem lugar no Algarve, dadas as diferenças no clima e no estado do mar, pode ainda assim crescer face ao estágio incipiente em que se encontra no presente.

Mas, se Esposende é já hoje uma estância balnear do litoral norte, podendo vir a requalificar-se através do turismo náutico e de mar, nomeadamente desenvolvendo o aproveitamento da talasso-terapia, por exemplo, Viana do Castelo, por seu lado é a sede dos maiores estaleiros de construção naval do País. Esta indústria é uma indústria estratégica para Portugal e como tal deve ser percebida pelo poderes públicos. Neste caso concreto, com a janela de oportunidade recentemente criada com a atribuição aos estaleiros do reequipamento dos navios patrulha da Armada e dos navios anti-poluição, o que urge fazer é alargar essa janela de oportunidade e rasgá-la numa política de incentivo e promoção industrial das indústrias a montante da construção naval, por forma a aumentar a incorporação de produto nacional nas embarcações e a desenvolver um *cluster* de empresas associadas da construção naval na região. A acção dos poderes locais não deve ser menosprezada pela responsabilidade e competência que têm

em eliminar obstáculos e criar facilidades à instalação de um tal *cluster* de indústrias associadas.

As áreas ligadas ao mar incluem também os importantes sectores da investigação científica, do desenvolvimento tecnológico, da inovação e da protecção ambiental. Estes sectores compreendem tudo o que vai da investigação oceanográfica e do levantamento e exploração da biodiversidade marinha, tão rica nos nossos estuários atlânticos, até ao desenvolvimento de tecnologias de observação e monitorização dos sistemas marinhos e ao aproveitamento de energia limpas e renováveis. Neste último domínio, a região do norte litoral apresenta condições ideais para a captação da energia das ondas, cuja tecnologia experimental tem conhecido desenvolvimentos importantes nos últimos anos e será agora posta à prova na zona da Nazaré, alegadamente para produzir energia eléctrica para a rede pública ainda durante o ano de 2006. Trata-se de um assunto que deverá ser seguido de perto pela região litoral norte.

Tanto quanto é preciso proteger o mar, é igualmente preciso protegermo-nos do mar. Neste domínio, urge desenvolver planos de protecção contra as ameaças vindas do oceano e que podem ser de proveniências muito distintas. Podem ser ameaças provocadas pelo homem intencionalmente, como a utilização do mar para o contrabando, o tráfico de droga e outras actividades criminosas, por negligência ou por causa natural como o acidente com navios de transporte de hidrocarbonetos (todos recordamos ainda o *Prestige*), as tempestades, os cataclismos e a erosão costeira.

Apesar de todo o potencial descrito, em Portugal, e não obstante a longa costa atlântica, existe hoje um considerável afastamento real das populações relativamente ao mar. Este afastamento não é característico de nenhuma área em particular, mas é a norma no geral do país. Apenas assim se entende que Portugal seja um dos países costeiros da Europa com menos barcos por habitante, ou que os desportos de mar continuem a ter uma expressão bastante reduzida. Por isso, não encontramos nas áreas das ciências humanas muitos trabalhos sobre economia do mar ou sociologia das actividades humanas ligadas ao mar. Por esta razão é importante que na escola e na organização dos tempos livres os mais jovens sejam confrontados com o mar nas suas muitas facetas, e que com isso adquiram uma consciência e uma percepção da importância estratégica do oceano para Portugal. Esta aprendizagem deveria ser estimulada com a ligação física ao mar proporcionada pelo acesso das escolas aos desportos de mar, pelo menos nas áreas litorais. Independentemente das responsabilidades do poder central, a dimensão educativa e cultural do mar devem ser contempladas nas estratégias, políticas ou planos que se pretenda desenvolver para a exploração do oceano a nível do poder local, nas zonas costeiras.

Apenas com um plano de exploração sustentável do oceano as regiões litorais de Portugal poderão dispor de um enquadramento para todas as questões relacionadas com o mar. A região autónoma dos Açores claramente compreendeu que o mar é o seu principal recurso natural e tem vindo, por isso, a promover os usos que se podem fazer desse recurso, tudo

numa perspectiva integrada e de desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, defendeu a interdição da pesca de arrasto, desenvolveu e acarinhou o Departamento de Pescas e Oceanografia da Universidade dos Açores, e promoveu o turismo náutico e ecológico ligado à observação da vida marinha.

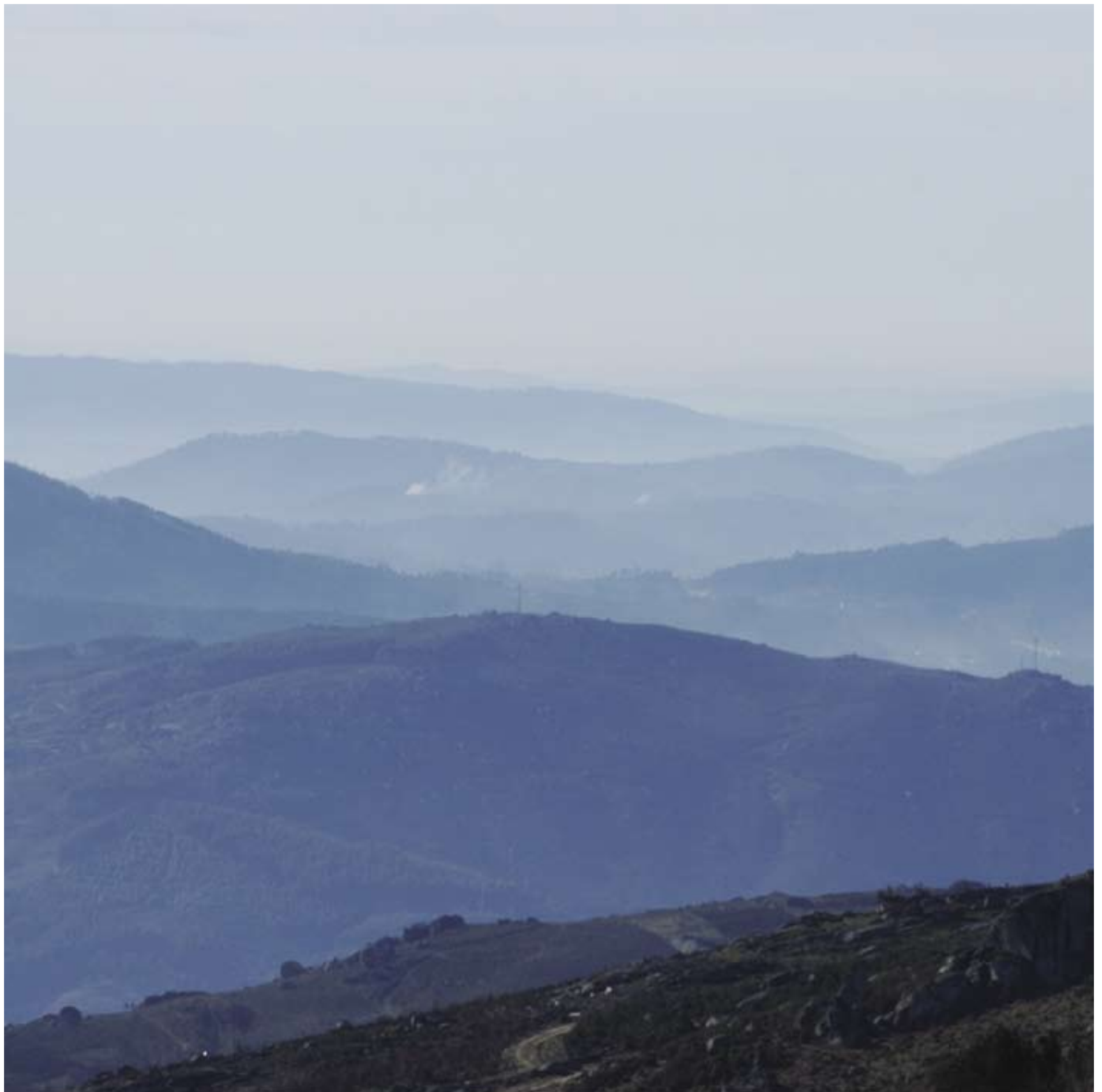
O exemplo está dado. Resta esperar para saber que outras áreas litorais do País deverão seguir este rumo.

À região litoral norte de Portugal não devem restar dúvidas da relevância estratégica da sua zona costeira e do oceano para o seu desenvolvimento económico e para a qualidade de vida da sua população.

Uma ampla e real concertação estratégica dos sectores e dos cidadãos desta região, e um plano integrado de desenvolvimento e gestão do oceano devem ser as ferramentas para uma renovada exploração do mar. Essa estratégia será uma referência orientadora das decisões a tomar a nível local na gestão dos assuntos sectoriais que incidem sobre o oceano, passando a partir daí a poder integrar-se as políticas e a gestão sectorial numa visão horizontal e transversal mais abrangente.

Uma estratégia marítima para a região litoral norte deverá ser ainda desenhada como uma estratégia pro-activa, no sentido de impulsionar, promover e revitalizar a ligação dessa região ao oceano e suas zonas costeiras.





**Texto** Teresa Andresen, arquitecta paisagista.  
CIBIO, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

## A TERRA E A TERRA. A MINHA TERRA E AS MINHAS TERRAS.

Na era da globalização, do pensar globalmente – agir localmente, o desafio da VALIMAR para abordar o tema ‘Terra’ para a sua revista, suscitou-me o título acima indicado para responder ao referido desafio. Jogar com as palavras é uma dádiva generosa da língua portuguesa.

A Terra é o planeta, o nosso planeta que é uma componente do sistema solar. A terra é o solo, é o chão. A minha Terra, é o lugar onde nasci e a que pertence ou, então, é o lugar de que me apropriei, em alternativa ao lugar de nascimento. As minhas terras são as minhas propriedades.

Aproveito este trocadilho de palavras para perguntar como vão todas estas terras.

A Terra continua a girar sendo que continuamos confiantes nas leis da ciência que nos dão notícia do seu giro. No entanto, a satisfação esmorece e dá lugar a grandes indefinições e perplexidades quan-

do somos levados a reflectir sobre as mudanças do seu estado e que nos leva a falar do estado do ar, do estado da água, do estado da flora e da fauna, do estado do clima, do estado dos solos, do estado das reservas minerais, do estado da saúde da população, do estado da segurança.

A terra-solo, um recurso natural e cultural, continua sua transformação mas tende a desgastar-se. Depois de milénios a apurar a arte de fabricar solo para produzir alimentos, hoje é provavelmente o recurso cuja importância para a vida é menos compreendido, o que se reflecte na escassez e pouca eficácia das medidas para a sua salvaguarda.

A minha Terra já há muito que não é o que era. Tendo as minhas primeiras memórias de paisagem associadas a Vila Nova de Gaia dos idos de 50/60 que, na altura, quando lia Júlio Diniz não me ocorria que houvesse algo de comum entre as paisagens desse meu tempo e as de Daniel e Clara. Hoje sinto

que elas eram bem próximas e que as de hoje é que pouco ou nada têm a ver com as de 50/60. Muitas coisas se passaram, “os campos urbanizaram-se” e a minha geração já assistiu a uma imensidade de transformações de paisagem como não haverá memória na história da humanidade.

E, as terras que herdei – as minhas terras – vendi-as e comprei um apartamento... Afinal actuei como muitos outros e acabei por trair aquele avô que nunca vendera uma terra. Já lá vai o tempo em que designávamos o território como Terras da Maia, Terras de Bouro, Terras de Santa Maria, Terras de Basto... espaços de identidade.

A identidade com a(s) nossa(s) Terra(s) tem vindo a ganhar novos significados na medida em que hoje nos identificamos com muitas Terras. A isto nos obriga a já referida globalização e também, para nós europeus, a europeização.

Terras de Lima é como que um coração do noroeste peninsular. Este é um vasto território de muitas paisagens de ocupações e culturas diversas: castrejas, romanas, monásticas, senhoriais, terras de diáspora e de assimilação ao longo de séculos. Território de montanhas, vales, planuras litorais quaternárias e planaltos interiores, cercado de mar e marcado pelo clima ameno. Terra de muitas gentes que criaram e povoaram outras Terras e que, por vezes, regressaram no seu tempo ou no tempo das gerações sucedâneas. Toda esta dinâmica em território ameno resultou numa paisagem demonstrativa de muito engenho e inovação na forma de relacionamento

com os seus recursos e criatividade industriosa e onde sagrado e profano sempre caminharam – e caminham – lado a lado.

E as gentes destas Terras que Terra e que terra e que terras querem legar? Os últimos 20 anos assistiram a transformações múltiplas – uma revolução que nem deixa tempo de assimilação para reflectir sobre os actos praticados nas Terras e na terra.

Nos últimos 200 anos, o noroeste atlântico assistiu a profundas revoluções todas elas com marcas na ocupação do território, incluindo no povoamento. Não me refiro às invasões francesas nem às lutas liberais. Refiro-me à Revolução do Milho na nossa paisagem e nas nossas gentes que foi responsável por uma nova ocupação de terras e de muita armazém de terrenos pelas encostas acima que esteve na base de maior riqueza. Refiro-me à Revolução da Indústria, primeiro dos têxteis e dos curtumes e depois da metalurgia, do calçado e do mobiliário com graves reflexos na impermeabilização dos solos agrícolas e na qualidade da água mas fortemente responsável pela fixação das populações e criação de riqueza. Refiro-me à Revolução das Emigrações – a 1ª que privilegiou o Brasil a partir de meados do século XIX e a 2ª, de meados do século passado, que se estendeu da Alemanha à Austrália, uma diáspora sempre caracterizada por retornos multi-culturais. Refiro-me à Revolução da Eucaliptização, que ocorreu sobretudo a partir da década de 70, e descaracterizou bouças e serras introduzindo um modelo de gestão territorial que face à dimensão alcançada pelos fogos se revelou um modelo falhado.

Outras revoluções ocorreram que tenderam a acentuar a dimensão multi-funcional do nosso território, porém não são tão evidentes nesta perspectiva de 'ocupadoras' do território, 'fazedoras' de paisagem. Em simultâneo, penso também na não-revolução da educação que só agora chega e não preparou com oportunidade uma população com uma cultura de base tecnológica e de empreendedorismo e a não-revolução do planeamento que não respeitou a terra-solo, recurso amealhado ao longo de gerações, que se deixou esquarterar, na fúria do mais depressa, por estradas - vias rápidas - que não querem conhecer a paisagem, nem as Terras, nem a terra. As terras estão a ficar de aterrar - não vêem?

Perante uma tradição de revoluções 'ocupadoras' do território e 'fazedoras' de paisagem, vale a pena aprender e deslumbrar-nos com as demonstrações de inteligência que o colectivo das gerações nos souberam dar, nomeadamente a arte e o engenho do sistema de campo e bouça e o sentimento de uma comunidade que há muito tem sido de pertença ao mundo e se assume com identidades diversas. Como transportar estes mecanismos inteligentes e esta dimensão cultural para hoje? Como fazer das não-revoluções da educação e do planeamento e desenvolvimento a base de uma continuada revolução para a sustentabilidade das nossas Terras?

Que Terras e que Terra queremos afinal legar às gerações vindouras?

Dadas as características do nosso território e das nossas gentes, considero prioritário continuar a

assegurar um modelo que mantenha a tradição de ocupar o território apoiado numa cultura de desenvolvimento rural que vá ao encontro das necessidades de hoje. No Entre Douro e Minho, a água foi sempre encarda como recurso abundante mas os últimos anos têm sido vividos com muita apreensão - muita nascente de que não havia memória de alguma vez secar, secou mesmo. Portanto, precisamos de políticas indutoras de disponibilidade de água de qualidade. O solo fértil foi sempre um recurso conquistado e trabalhado, valorizado no mercado, na transmissão das terras. Por isso, precisamos de políticas também de salvaguarda e de valorização onde prevaleça o primado da valorização das especificidades e o do impedimento da sua impermeabilização em detrimento do subsídio. A bouça foi sempre um factor de equilíbrio das terras e que está profundamente descaracterizado. Por isso, precisamos de políticas que as valorizem e as tomem como o ponto de partida para a renovação da cultural florestal das nossas Terras.

Ou seja, de forma rápida falamos de um desenvolvimento rural que se assuma como um prestador de serviços ambientais indispensáveis à qualidade de vida e à segurança das populações que maioritariamente vivem em meio urbano. Um desenvolvimento rural de suporte a uma comunidade de trabalho e inovação em diálogo com a sua Terra e a Terra. Depois de 20 anos a investir na urbanização e na infra-estruturação não há tempo a perder. Dêmos o devido lugar à Terra e à terra, as nossas Terras e às nossas terras!





**Texto** Fernando Pessoa, arquitecto paisagista.

## APONTAMENTOS SOBRE PAISAGEM

Tem-se teorizado muito sobre o conceito de paisagem e as definições surgem de acordo com a formação especializada de quem se pronuncia, mas não nos vamos alongar nessa discussão; basta recordar que começou por referir-se as aspectos pictóricos referentes às representações do espaço exterior como fundo ou envolvência das figuras humanas na pintura ocidental primitiva, que depois evoluiu para a pintura “paisagista” em que só a representação do espaço exterior era o assunto do quadro.

Mais tarde começou a ser utilizada fora das referências pictóricas, para definir aspectos do território.

*Paysage* em francês ( de *pays, paysant* ), *landscape* em inglês, *landschaft* em alemão, *landsaft* em russo – o termo e o conceito a ele associado surgem nas culturas ocidentais; os povos do Oriente não

possuem uma palavra com o mesmo significado, o que não quer dizer que não observem a paisagem, a estudem e interpretem no mesmo quadro de referências e que podemos agora sintetizar : uma paisagem é a expressão visível dum parcela de território que traduz a interligação dos elementos da Natureza com os das técnicas e da cultura dos seres humanos que habitaram e habitam aquele território.

Paisagem é uma entidade que, observada pelo homem, gera emoções estéticas, sobre ela aplica-se a ideia de belo.

Portanto na base da existência do nosso conceito global de paisagem está a capacidade sensorial do homem para reagir, com sentido estético, perante a observação dum trecho de território, e que lhe dá a sensação de que aquela paisagem tem qualquer

coisa que a define e diferencia (ou aparenta semelhanças) com outra. É o “carácter” da paisagem. Dito em termos simplificados, é ao ser observado e apreendido um território que ele se transforma em paisagem, mesmo que na língua do observador de qualquer ponto do globo não exista um termo equivalente ao que as línguas europeias possuem.

Para o arquitecto paisagista a paisagem é não só o território assumido sensorialmente como entidade de natureza estética mas também o conjunto de elementos e forças, visíveis e invisíveis, que existem como fundo intrínseco dessa aparência sensorial – e em que os elementos bio-ecológicos formam a primeira matriz.

Sobre esta matriz bio-ecológica o homem acumulou milenarmente os traços das suas intervenções, construindo as paisagens de acordo com as aptidões de cada local e tendo em vista a sua utilização equilibrada e perene.

Daí que o arquitecto paisagista tenha como objectivos da sua acção a construção e ordenamento das paisagens em relação ao homem, com vista à satisfação das necessidades das actuais e das futuras gerações. Daí também que as intervenções na paisagem devam partir do conhecimento e compreensão da matriz bio – ecológica bem como da história e da evolução das actividades do homem que, ao longo de milénios, usufruíram essa paisagem.

Proteger a paisagem não significa colocá-la sob uma redoma; significa garantir a perenidade dos sistemas e ciclos sem os quais a Vida não é possível. Já praticamente não existem no planeta paisagens

livres da intervenção directa do Homem a não ser, se quisermos ser abrangentes por razões didácticas, algumas situações de carácter pontual onde apenas chega, de forma ténue, a influência indirecta das acções humanas. Portanto quando se fala em protecção da paisagem tal terá que ser entendido como uma intervenção que permita que o uso dessa paisagem não provoque roturas irremediáveis nos ecossistemas que estão na base da sua existência.

Desde que o homem abandonou as suas etapas de caçador-colector ele começou a “construir” as paisagens, criando ecossistemas de substituição – e conforme estes foram sendo ou não equilibradamente geridos as comunidades humanas puderam subsistir ao longo dos milénios, ou em casos de situações de rotura da capacidade de renovação dos sistemas, que conduziram à morte da paisagem, essas comunidades tiveram que abandonar o território.

Por isso também ao longo dos séculos, como qualquer outra espécie animal que procura habitats apropriados, também o homem aprendeu a criar habitats em que poderia viver com garantia de perenidade.

No nosso país conseguimos chegar, regra geral, até à década de 60 do séc. XX sem grandes roturas nas nossas paisagens, apesar de algumas situações que historicamente ocorreram; por exemplo no final do séc. XIX a desarborização das nossas serras atingiu níveis preocupantes, de que há numerosos relatos, mas logo no séc. XX se iniciou a rearborização de muitas dessas zonas, permitindo repor um certo equilíbrio. Só que muita da rearborização efectua-

ada não teve preocupações de adaptabilidade das espécies a cada situação ecológica. Foi o tempo da expansão do pinheiro bravo.

Já nos primeiros anos do Estado Novo as tristemente célebres campanhas do trigo trouxeram a degradação às serras alentejanas e algarvias.

Foi porém a partir dos anos 60 que se aceleraram as grandes transformações das nossas paisagens e hoje estamos perante situações de grave deterioração das condições de sobrevivência das nossas paisagens – expansão do eucaliptal industrial, progressivo abandono do mundo rural, alterações profundas nas estruturas de certas paisagens – ao contrário da maior parte dos países europeus que souberam preservar as suas florestas e promoveram florestações globalmente positivas.

Resulta daqui a necessidade de intervir rapidamente, com técnicos competentes e capazes de entenderem as complexas relações ambientais e culturais das paisagens portuguesas.

As intervenções para a recuperação das paisagens e dos equilíbrios naturais são a grande tarefa do séc. XXI e nela os arquitectos paisagistas devem ter um papel fundamental, pois já passou o tempo em que eram olhados como os técnicos que apenas projectavam jardins e parques.

São necessários agrónomos, silvicultores, arquitectos, geógrafos, antropólogos, historiadores, biólogos, mas é aos arquitectos paisagistas que deve caber a coordenação e o projecto de síntese dessas colaborações especializadas. Para isso os arquitectos paisagista têm que mostrar do que são capazes

e apresentar obra bem feita já não apenas no domínio dos espaços verdes, mas no ordenamento e na reconstrução das paisagens.

Será um erro imperdoável voltar a criar condições de completo desordenamento e irresponsabilidade na ocupação das paisagens, será gravíssimo não trabalhar de forma holística, como é a que reside na formação dos arquitectos paisagistas, para compreender a paisagem global do futuro.

Do Minho ao Algarve assistimos à morte progressiva das nossas paisagens; onde havia ecossistemas de substituição – socalcos de policultura e introdução abundante de matéria orgânica no Minho, os sistemas agro-silvo – pastoris dos montados no Alentejo, as matas e matos e as pequenas agriculturas das serras do Algarve – surgem desequilibrados sistemas de produção que aceleraram a erosão, afastaram as populações dos campos, contribuíram para a geral perda de fertilidade do território.

O caos dos fogos e dos períodos de secas prolongadas que se abatem com cada vez mais frequência sobre as paisagens portuguesas tem que ser rapidamente ultrapassado.

Deixamos morrer as paisagens portuguesas ao longo do séc. XX – temos que as restaurar no séc. XXI.





# Os Recursos Naturais da Valimar

Lugares da Valimar







## A ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DAS LAGOAS DE BERTIANDOS E S. PEDRO DE ARCOS

As Lagoas de Bertíandos e S. Pedro de Arcos localizam-se nas freguesias de Bertíandos, S. Pedro de Arcos, Estorãos, Moreira do Lima, Sá e Fontão, a quatro quilómetros da sede de concelho de Ponte de Lima, entre o Rio Lima (Sul) e as Serras de Arga e Cabração (Norte). Criada pelo Decreto Regulamentar 19/2000 de 11 de Dezembro, a Paisagem Protegida das Lagoas de Bertíandos e S. Pedro de Arcos, com uma área de cerca de 350 hectares, engloba também parte da Bacia Hidrográfica do Rio Lima. Actualmente, existem diversos indicadores que confirmam que a Paisagem Protegida possui um inegável valor em termos de biodiversidade, estando incluída no Sítio Rede Natura, na Lista Nacional de Sítios da Rede Natura 2000 e sendo reconhecida pelo Projecto Biótopos do Programa Corine como parte integrante do Biótopo Foz do Rio Lima. Destaque-se igualmente, e a comprovar a sua importância, a presença de espécies animais e vege-

tais de interesse comunitário, cuja preservação exige a designação de zonas especiais de conservação, e de espécies de interesse comunitário que exigem protecção rigorosa, como é o caso da lontra, da rela, da rã-ibérica, do largarto-de-água, da cegonha-branca, da águia-calçada, do falcão-peregrino ou da cotovia-pequena.

A Paisagem Protegida das Lagoas de Bertíandos e S. Pedro de Arcos foi já visitada por mais de cinquenta mil pessoas desde a sua abertura, em 2004, um número que comprova o sucesso da aposta da Câmara Municipal de Ponte de Lima. Pela sua importância, a protecção desta zona sempre foi considerada prioritária pelo Município de Ponte de Lima, razão pela qual foi apresentada uma candidatura ao Programa Operacional do Ambiente com o objectivo de - e em conformidade com uma estratégia de desenvolvimento sustentável - conservar, valorizar e promover o património natural do espaço.





# Percurso e rotas

## OS PERCURSOS DA PAISAGEM PROTEGIDA DAS LAGOAS

São compostos por um conjunto de cinco percursos distintos, com uma extensão total de 22 quilómetros devidamente sinalizados que tem igualmente cinco postos de observação e quatro torres de vigia.

### PERCURSO DO RIO LIMA

Integrado no Projecto de Valorização Global das Margens do rio Lima, o percurso liga a Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos à vila de Ponte de Lima, pela margem direita do rio Lima. O percurso pode ser realizado a pé ou de bicicleta, e tem início junto ao Souto de Bertandos e fim junto ao Parque do Arnado, ou vice-versa.

Distância aproximada: 4,2 km.

Duração aproximada: 2h.

Tipo de percurso: aberto de pequena rota.

Grau de dificuldade: baixo.

Partida/chegada: Souto de Bertandos/Parque do Arnado ou vice-versa.





#### PERCURSO DAS TAPADAS

As tapadas, onde predominam as actividades humanas, como a pecuária e a silvicultura, são caracterizadas pela existência de bosquetes em expansão, de árvores autóctones, áreas de pastagem naturais, normalmente limitadas por sebes de folhosas, com a principal finalidade da compartimentação, permitindo ainda limitar o acesso do gado às propriedades vizinhas e constituindo uma importante fonte de lenha com utilização para o aquecimento térmico das habitações e da água.

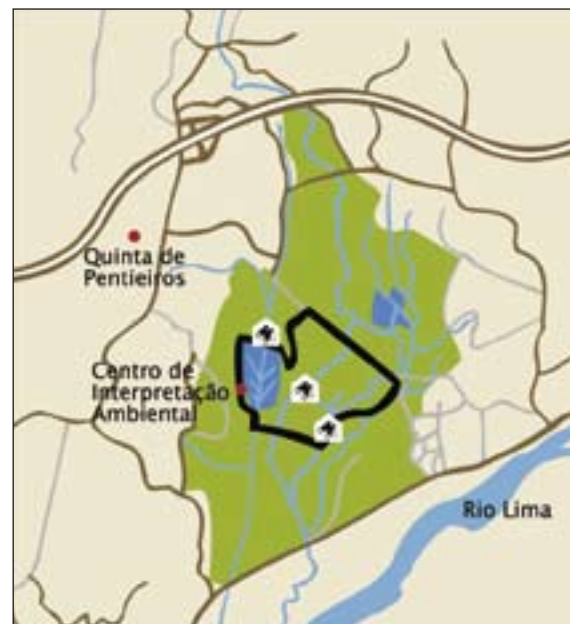
Distância aproximada: 3 km.

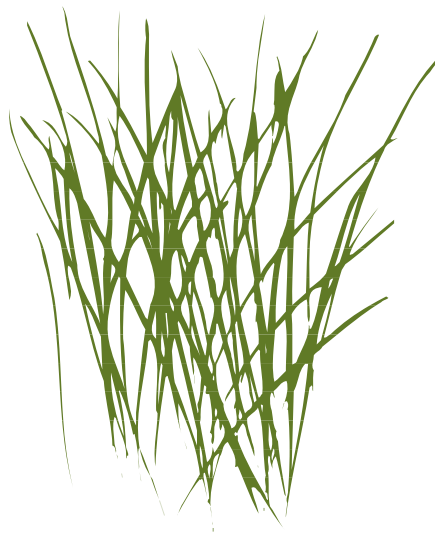
Duração aproximada: 1 h30min.

Tipo de percurso: circular de pequena rota.

Grau de dificuldade: baixo.

Partida/chegada: junto ao campo de futebol de Bertandos.





#### PERCURSO DA LAGOA

O percurso da Lagoa tem como principal objectivo permitir a interpretação da lagoa de S. Pedro de Arcos e dos valores a ela associados. A lagoa constitui um dos habitats de zona húmida, mais representativos da área protegida e também um dos mais espectaculares ao nível paisagístico.

Distância aproximada: 1,6 km.

Duração aproximada: 45min.

Tipo de percurso: circular de pequena rota.

Grau de dificuldade: baixo.

Partida/chegada: Centro de Interpretação Ambiental.





#### PERCURSO DA VEIGA

Este percurso, tem como principal objectivo a interpretação da zona das veigas e valores associados. As veigas são áreas predominantemente agrícolas, onde se pratica a sucessão do milho, cultura sachada na Primavera/Verão, azevém e outras gramíneas no Outono/Inverno, podendo encontrar-se pequenas manchas com vinha em bordadura ou olival disperso.

Distância aproximada: 6 km.

Duração aproximada: 3h.

Tipo de percurso: circular de pequena rota.

Grau de dificuldade: baixo.

Partida/chegada: Centro de Interpretação Ambiental.







#### PERCURSO DA ÁGUA

O percurso mais longo da rede de percursos tem como principais objectivos a compreensão do movimento do principal elemento desta área protegida, a água, na bacia hidrográfica do rio Estorãos, bem como, a interpretação da área das Tapadas do Mimoso e o contacto com a forma de distribuição da ocupação humana na área envolvente à paisagem protegida, bem como, com o património dela resultante.

Distância aproximada: 12,5 km.

Duração aproximada: 6h.

Tipo de percurso: circular de pequena rota.

Grau de dificuldade: média.

Partida/chegada: Centro de Interpretação Ambiental.





## PERCURSO DO RIO

O percurso do rio tem como objectivo a interpretação do rio Estorãos e valores a ele associados. Este rio, afluente do rio Lima, é um sistema fluvial que nasce a 325 m de altitude e drena numa área de 5450 ha. O troço deste sistema, inserido na área protegida tem 3,5 km e contribui de forma significativa para a biodiversidade apresentada pela área protegida.

Distância aproximada: 2.5 km.

Duração aproximada: 1 h 15 min.

Tipo de percurso: circular de pequena rota.

Grau de dificuldade: baixo.

Partida/chegada: Centro de Interpretação Ambiental.





# Percursos e rotas

## AS ROTAS

### ROTA DO SOLAR

Distância aproximada: 4,8 km.  
Duração aproximada: 2h15m.  
Tipo de percurso: Circular de pequena rota.  
Grau de dificuldade: Baixo.  
Partida/chegada: Centro de Interpretação Ambiental.



### ROTA DO CRUZEIRO

Distância aproximada: 7,2 km.  
Duração aproximada: 3h45m.  
Tipo de percurso: Circular de pequena rota.  
Grau de dificuldade: Baixo.  
Partida/chegada: Centro de Interpretação Ambiental.





### ROTA DA AZENHA

---

Distância aproximada: 5,5 km.

Duração aproximada: 2h45m.

Tipo de percurso: Circular de pequena rota.

Grau de dificuldade: Baixo.

Partida/chegada: Quinta de Pentieiros.





## Onde ficar:

O conjunto de infra-estruturas de apoio inclui um Centro de Interpretação Ambiental, um conjunto de percursos pela Paisagem Protegida, um Centro de Acolhimento da Quinta de Pentieiros e a Casa do Cuco.

### O Centro de Interpretação Ambiental

É composto por um conjunto de quatro edifícios que se complementam em termos estruturais e funcionais:

1. Edifício de Apoio onde será prestada toda a informação relacionada com as actividades e infra-estruturas de turismo de natureza existentes e que funciona como sede do Centro de Interpretação e dos percursos circundantes;
2. Recepção/sala polivalente para a realização de eventos, nomeadamente exposições temáticas;
3. Auditório com capacidade para 120 pessoas destinado à realização de sessões de informação, colóquios, seminários e outros eventos;
4. Mediateca onde ficará reunida toda a informação relacionada com o meio ambiente e recursos naturais em geral e com a Paisagem Protegida em particular;

### Centro de Acolhimento da Quinta de Pentieiros

Com vista à recuperação e revitalização do património edificado de valor cultural e arquitectónico, foi restaurado ou construído de raiz um conjunto de infra-estruturas que desempenham funções de administração, alojamento, informação, apoio técnico e estruturas de cariz agro-pecuário (nomeadamente a Casa da Quinta, o Albergue, o Parque de Campismo, a Casa dos Vigilantes, a Azenha, os viveiros, os estábulos, áreas florestais, pomares e hortas, etc.).

### Casa do Cuco (casa de abrigo)

Através da recuperação de uma casa existente praticamente em ruína, funciona como casa de abrigo, oferecendo um quarto de casal, um quarto com quatro camas individuais, sala com dois sofás cama, cozinha totalmente equipada e instalações sanitárias.



CONTACTOS DA ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA

Tel: 258733553

[www.lagoas.cm-pontedelima.pt](http://www.lagoas.cm-pontedelima.pt)

[lagoas@cm-pontedelima.pt](mailto:lagoas@cm-pontedelima.pt)





## O PARQUE NACIONAL DA PENEDA GERÊS

É o único parque nacional do país, característica que, por si só, o eleva entre os demais. São mais de 70 mil hectares de área dispersa pelo norte de Portugal, nomeadamente pelos Municípios de Arcos de Valdevez, Montalegre, Ponte da Barca, Terras de Bouro e Melgaço. Apenas uma pequena parcela dos milhares de hectares do Parque Nacional da Peneda Gerês pertence ao Estado, mas ainda assim é o único a arrecadar ao nível mais elevado de classificação de áreas protegidas. Criado pelo decreto-lei 187/71 de 8 de Maio com o objectivo de “possibilitar no meio ambiente da Peneda Gerês a realização de um planeamento científico a longo prazo, valorizando o homem e recursos naturais existentes, tendo em vista finalidades educativas, turísticas e científicas”, o PNPG pretende proteger uma vasta região montanhosa, mantendo uma rede de reservas ecológicas de alto nível nacional e internacional.

O Parque Nacional engloba as serras do Gerês, Peneda e Amarela, todas elas com cota superior a 1500 metros de altitude envoltas por escarpas graníticas que tornam aquela paisagem única. Grande

parte das serras foi humanizada, havendo vestígios da intervenção humana desde o Neolítico. Actualmente, o território do Parque regista 114 aldeamentos onde residem pouco mais de dez mil pessoas, sobretudo mulheres e idosos que se ocupam sobretudo da agricultura, da pastorícia e da pecuária.

O PNPG, sendo um prolongamento da cadeia montanhosa Cantábrica (a maior cadeia montanhosa da Península Ibérica, excepto os Pirinéus), tem uma grande diversidade de relevo, com variações bruscas de altitude e, por consequência, com vales muito encaixados. São características desta região os bosques de carvalho-alvarinho (predominantes nas baixas altitudes e vales quentes e abrigados) e o bosque do carvalho negral (de características montanhosas). Medronheiros, bétulas, gilbadeiras, azevinho, vidoeiro e arando são outros dos exemplos fortes da flora que pode ser encontrada neste parque. No que toca à fauna, destacam-se a cabra do Gerês, os garranos selvagens, a marta, a salamandra lusitana e o lobo ibérico, actualmente em risco de extinção.

# Percursos

## PERCURSOS PEDESTRES

Desfrute da paisagem verde do PNPG em terras do vale do Lima e visite Arcos de Valdevez e Ponte da Barca, numa aventura pelo único Parque Nacional do país.

### TRILHO PEDESTRE DE S.MIGUEL DE ENTRE-AMBOS-OS-RIOS

---

Local de partida: Parque de Campismo de Entre Ambos os Rios (Ponte da Barca)

Local de Chegada: Froufe

Duração média do percurso: 2.5 horas

Distância: seis quilómetros

### TRILHO PEDESTRE DE MEZIO

---

Local de partida: Centro Interpretativo do Mezio (Arcos de Valdevez)

Local de Chegada: Centro Interpretativo do Mezio (Arcos de Valdevez)

Duração média do percurso: 1 hora

Distância: 3,5 quilómetros

### TRILHO PEDESTRE DE LONGO CURSO LAMAS DE MOURO – SOAJO

---

Local de partida: Centro Interpretativo Lamas de Mouro

Local de Chegada: Soajo

Duração média do percurso: 8 horas

Distância: 30 quilómetros

(Dada a extensão e dificuldade deste trilho, poderá ter necessidade de pernoitar durante o percurso. Pode contar com o Parque de Campismo de Lamas de Mouro e de Travanca (Mezio) e com as casas abrigo de Bico de Pássaro, Baleiral, Adrão e Murça. No Soajo existem pensões e casas de turismo de habitação)







# Percursos

## PERCURSOS DE AUTOMÓVEL

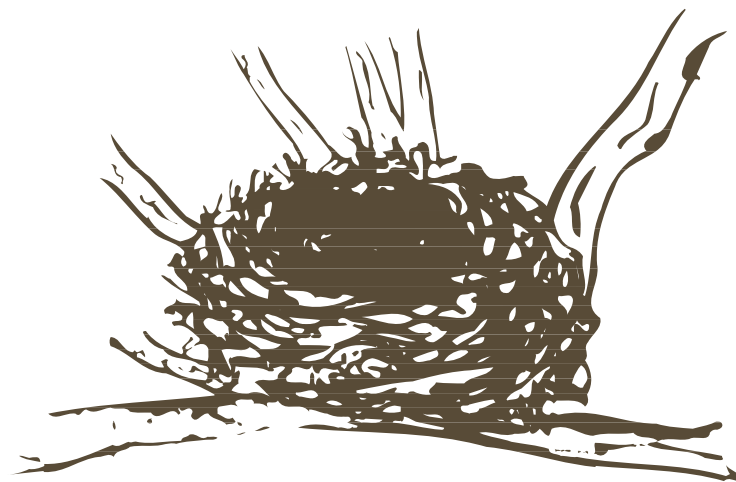


ARCOS DE VALDEVEZ, MEZIO,  
LAMAS DE MOURO, CASTRO LABOREIRO

### Principais pontos de interesse:

Centro de Interpretação de Lamas de Mouro  
Castelo de Castro Laboreiro  
Trilho interpretativo de Castro Laboreiro  
Planalto de Castro Laboreiro  
Brandas e inverneiras  
Pontes medievais  
Portela do Lagarto  
Turfeiras activas  
Florestas de carvalho negral e sistemas de lameiros





ARCOS DE VALDEVEZ, MEZIO, ADRÃO,  
SRª DA PENEDA, VÂRZEA, PARADELA, CUNHAS, SOAJO

**Principais pontos de interesse:**

Centro de Interpretação do Mezio

Trilho interpretativo do Mezio

Antas e mamoads do Mezio

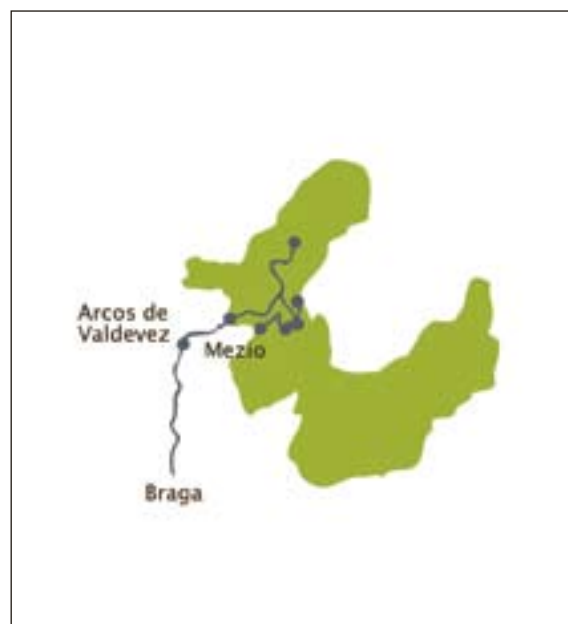
Aldeia de Adrão e exemplo de agricultura em socalcos

Branda de Bordença (Adrão)

Santuário da Srª da Peneda

Espigueiros (séc. XVIII-XIX) e eira comunitária de Soajo

Pelourinho e centro histórico do Soajo







PONTE DA BARCA, LINDOSO

PONTE DA BARCA, LINDOSO, ENTRE AMBOS-OS-RIOS, ERMIDA

PONTE DA BARCA, LINDOSO, ENTRE-AMBOS-OS-RIOS, GERMIL

**Principais pontos de interesse:**

Castelo do Lindoso

Espigueiros e eira comunitária do Lindoso

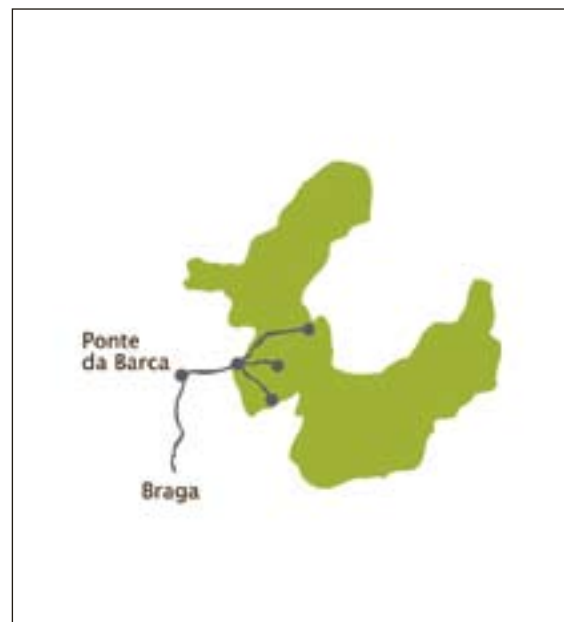
Bouça do Colado (gravuras ruprestes da Idade do Bronze)

Antas e mamoadas de Mosteirô e Britelo

Branda de Bilhares - Ermida

Levada de água - Germil - Sobreiro

Mata do Cabril (área de Ambiente Natural - acesso condicionado)





## Onde ficar:

**Parque de Campismo de Entre Ambos os Rios (Ponte da Barca)**

**Casas Abrigo** da Penha (Britelo, Ponte da Barca); Penadoeiro (Germil, Ponte da Barca), Baleiral (freguesia de Gavieira, Arcos de Valdevez), Adrão (Soajo, Arcos de Valdevez), Branda de Murço (Soajo, Arcos de Valdevez)

**Dez casas de Turismo de Aldeia no Soajo, Arcos de Valdevez** (Casa da Barreira, Casa da Porta da Mina, Casa de Carreiras, Casa de Riobom, Casa da Eira do Rego, Casa do Souto, Casa João Fidalgo, Casa do Ti Víúva, Casa da Laranjeira e Casa dos Videiras)

# O PARQUE NATURAL LITORAL NORTE



A Área Protegida do Litoral de Esposende ocupa apenas uma pequena parcela litoral do concelho de Esposende. Os pouco mais de quatrocentos hectares de orla costeira espalhados por seis freguesias do concelho compõe uma faixa única de praias e mar entre o rio Neiva e o rio Cávado onde as dunas e matas adjacentes são o principal atractivo. De notar é também a paisagem invulgar que as masseiras da Apúlia (áreas de cultivo intenso), os baldios municipais e o pinhal de Ofir oferecem aos visitantes. A área desta área protegida, muito embora apresente algumas agressões humanas e urbanísticas, continua a ser um pequeno santuário da orla costeira que importa preservar. Com esse objectivo, a área

protegida foi recentemente reclassificada como Parque Natural do Litoral Norte, com uma área de quase nove mil hectares. Os novos condicionalismos emergentes desta reclassificação, como a regulamentação da pesca, apanha, aquicultura, actividades lúdicas, os limites do Parque e o seu estatuto jurídico foram já consignados em Decreto Regulamentar, mas a resolução do Conselho de Ministros que pretende salvaguardar os elementos físicos, estéticos e paisagísticos de mais de 18 quilómetros de costa e 2,5 milhas marítimas ainda não inclui a orla costeiras de Viana do Castelo e Caminha, como pretendem estes Municípios.

Existem quatro percursos nesta área protegida.

# Percurso

## PERCURSOS

### ENTRE O NEIVA E O ATLÂNTICO

---

Localiza-se junto à foz do rio Neiva e desenvolve-se ao longo das freguesias de Antas e Belinho.

Ponto de partida: parque de estacionamento junto à foz do rio Neiva, Guilheta (Antas)

Tipo de percurso: pequena rota circular

Extensão do percurso: 6,5 quilómetros

Duração: 3 horas e meia.

### ENTRE O CÁVADO E O ATLÂNTICO

---

Situa-se na margem esquerda do estuário do rio Cávado e desenrola-se por Ofir.

Ponto de partida: Clube Náutico de Fão

Tipo de percurso: pequena rota circular

Extensão aproximada: cinco quilómetros

Duração: três horas

### DA APÚLIA A OFIR

---

Desenvolve-se ao longo da orla costeira, na direcção Sul-Norte entre Apúlia e Fão.

Ponto de Partida: parque de estacionamento da praia de Areia, Apúlia

Tipo de percurso: pequeno de rota aberta

Extensão aproximada: cinco quilómetros

Duração: duas horas

### PELA ARRIBA FÓSSIL: DA SENHORA DA GUIA AO MONTE DE FARO

---

O percurso desenvolve-se ao longo da arriba fóssil, na direcção Norte-sul, entre as freguesias de Belinho, Mar, Marinhas, Vila Chã e Palmeira de Faro.

Ponto de Partida: escadaria de acesso à capela de Nossa Senhora da Guia

Ponto de chegada: cume do Monte de Faro

Tipo de Percurso: pequena rota aberto

Extensão: 9,5 quilómetros

Duração: quatro horas









## AS ECOVIAS DA VALIMAR

O conceito Ecovia não é novo e está disseminado um pouco por toda a Europa. A sua concretização no espaço territorial da Comunidade Urbana Valimar efectiva-se agora com a criação de quatro ecovias que ligam os municípios de Viana do Castelo a Arcos de Valdevez. As ecovias da Valimar, enquanto infra-estruturas que unem espaços ambientais de grande importância local e regional e se destinam ao usufruto pedonal e de bicicletas, implicam a estruturação de espaços nas margens do rio Lima. Este projecto faz parte de um conjunto alargado de intervenções ao longo do Vale do Lima (o projecto Guarda-Rios) com intervenções idênticas destinadas à fruição de paisagens e lugares únicos da região.

A intervenção prevista implica a regularização da imagem e melhoramento ou introdução de novos equipamentos, satisfazendo aspectos relacionados com a convivência e rotina diária da população local e promovendo o turismo local. A construção das Ecovias impõe a limpeza e desmatção ao longo de todo o traçado, numa largura de dois metros em cada berma, a limpeza, regularização e pavimentação dos traçados em saibro, a colocação de mobiliário e a plantação de novas vegetações onde se mostrar necessário.

# Ecovias

## AS ECOVIAS

---

### ARCOS DE VALDEVEZ

A ecovia fica localizada na margem direita do rio Lima, (albufeira de Touvedo) e na freguesia de Ermelo (Lugar de Vilarinho de Souto e Lugar da Igreja). O percurso tem 4300 metros de extensão.

---

### PONTE DA BARCA

A ecovia fica localizada na margem esquerda do rio Lima, nas freguesias de Oleiros, Bravães e Lavradas. O percurso implica a criação de condições para a circulação pedonal e de veículos não motorizados e a criação de uma área de lazer em Bravães com condições de estadia. O percurso tem 5100 metros de extensão.

---

### PONTE DE LIMA

Trata-se de um trilho à beira rio entre Ponte de Lima e Vitorino das Donas, situado na margem esquerda do rio Lima e com uma ocupação entre as freguesias de Correlhã e Vitorino das Donas. O percurso definido pretende criar condições para a circulação pedonal e de veículos não motorizados, implicando também uma área de lazer com capacidade para estadia. O percurso tem 8200 metros de extensão.

O Município de Ponte de Lima possui igualmente uma rede de ecovias que permitem uma ligação entre as restantes ecovias cuja iniciativa pertence à Valimar ComUrb. São elas as ecovias de Gandra, com sete quilómetros de extensão, e a de Bertandos, com quatro quilómetros de extensão.

---

### VIANA DO CASTELO

A ecovia fica localizada na margem esquerda do rio Lima, nas freguesias de Deão, Deocriste e Moreira de Ge-raz do Lima. O percurso implica a criação de condições para a utilização pedonal e de veículos não pedonais, incluindo a valorização da margem de Deocriste, onde será criada uma área de lazer com condições de estadia. O percurso tem 5200 metros de extensão.







Acontece na Valimar

# 01

## OFICINA DA NATUREZA

A Oficina da Natureza é uma empresa de Animação Turística com sede em Ponte de Lima e que desenvolve as suas actividades preferencialmente no território do Vale do Lima. Acompanha a diversificação das práticas de ecoturismo e pedestrianismo, dando resposta a um desejo crescente, de quem vive nos meios urbanos, de aproximação à natureza e de conhecimento e fruição dos valores e saberes do mundo rural.

Tem como objectivos a identificação de novas práticas e produtos ligados ao turismo cultural e de natureza, que permitam dar a conhecer aos que nos visitam a riqueza paisagística, o património histórico, a gastronomia e as ancestrais tradições que corporizam a identidade do Vale do Lima e o tornam singular no contexto do território português e europeu e proporcionar experiências únicas através

do contacto com práticas artesanais ligadas à gastronomia, à ourivesaria, à pintura e aos bordados e tecelagem entre outros, ou mesmo indo mais longe e participando em actividades do mundo rural como sejam o ciclo do pão, o ciclo do linho, as desfolhadas, as vindimas ou os enchidos.

Nos eventos que se propõem percorrem-se caminhos ancestrais onde as forças da Natureza ainda são capazes de nos deslumbrar, descobrem-se pontes, mosteiros e cruzeiros, marcos da história e cultura deste Vale, desvendam-se saberes e modos de vidas das populações e degustam-se sabores únicos de uma gastronomia tradicional, sempre acompanhados pelos que vivem ou estudam o território, à procura dos vestígios menos visíveis e conhecidos do património cultural e natural.



A Oficina da Natureza, através do desenvolvimento das suas actividades pode contribuir, à sua escala, para combater a sazonalidade do turismo na região através de actividades que não estejam totalmente dependentes dos factores meteorológicos; incrementar a divulgação e venda de artesanato da região, através de actividades que incluam a visita aos ateliers dos artesãos para um contacto com as suas formas de trabalhar; incrementar os dias de permanência na região através da conjugação de programas diversificados e com preços de hospedagem atractivos, incluindo, sempre que possível a componente da gastronomia; proporcionar, no decorrer das actividades, a compra de produtos locais; divulgar a região nas suas múltiplas facetas através do marketing efectuado na publicitação das actividades; sensibilizar os participantes para a necessidade de valorizar e preservar o património natural, patrimonial e cultural da região; criar uma rede de colaboradores multidisciplinar.

De realçar o esforço que tem sido feito pela Oficina da Natureza na consolidação de uma estratégia de complementaridade com vários sectores económicos da região, em especial com o alojamento turístico. Vários estudos comprovam que o turismo ganha, em ocupação dos alojamentos, com a implementação de actividades de animação turística e, como consequência dessa ocupação, o respectivo aumento dos consumos dos turistas.





# 02

## O CLUSTER EÓLICO DE VIANA DO CASTELO

Viana do Castelo acolhe um empreendimento industrial que opera no sector dos componentes eólicos e que foi considerado como sendo o “projecto mais estruturante da última década para o tecido industrial nacional”.

A EnerconPor instalou-se em Viana do Castelo porque, segundo o manager director da empresa, Francisco Laranjeira, “existe uma oportunidade de negócio única e uma nova procura de mercado”, já que o país necessita de atingir as metas impostas pelo Protocolo de Quioto e uma das fórmulas passará pela criação de diversos parques eólicos. Recorde-se que, até 2010, de acordo com a Estratégia Nacional para a Energia - Resolução do Conselho de Ministros n.º 169/2005, de 24 de Outubro - e no que concerne à energia eólica, Portugal comprometeu-se a aumen-

tar em 1.950 MW a meta de capacidade instalada em 2012 (novo total de 5.100 MW com acréscimo em 600 MW por upgrade do equipamento) e promover a criação de cluster tecnológicos e de investimento associados à energia eólica.

“Estamos perante um valor acrescentado, porque é uma iniciativa pioneira em Portugal”, frisou Francisco Laranjeira, que pretende que, no futuro, se crie um cluster eólico em Viana do Castelo, “estimulando empresas no mercado ligadas à indústria eólica na região”. A criação desta fileira industrial só é possível graças ao efeito tractor deste tipo de indústria, “que arrasta consigo outro tipo de empresas de sectores como transportes, de instalação de parques eólicos, etc.”, definiu ainda Francisco Laranjeira.

## O Projecto

A ENEOP – Eólicas de Portugal, através da sua subsidiária ENEOP 3 – gerida pela Enercon – está a instalar no território da VALIMAR, mais propriamente no município de Viana do Castelo, um parque industrial que constituirá o “coração do cluster nacional para a energia eólica”. Este será “eco-eficiente e auto-sustentável”, afirmou Francisco Laranjeira, salientando que todas as unidades fabris da Enercon têm preocupações ambientais já reconhecidas.

A construção deste parque industrial é faseada e pressupõe a implantação de 5 fábricas/unidades, a saber: pás de rotor; mecatrónica; geradores; torres de betão; centro logística e transporte e unidade de experimentação e ensaio e, finalmente, centro administrativo e formação. Em termos de investimento estimam-se valores na ordem dos 100 milhões de euros e, em termos de empregabilidade, perspectiva-se a criação de 1.000 postos de trabalho.

Atendendo a que 60% da produção será destinada à exportação, as repercussões sobre a balança comercial do País serão significativas. Assim, prevê-se: o aumento das exportações, na ordem dos 200 M€ por ano a partir de 2010; a redução das importações de componentes eólicos: que a incorporação nacional passará dos actuais 20% para praticamente 100%; a redução das importações de matérias-primas, que, por sua vez se traduzirá numa poupança na ordem dos 100 M€ por ano.

A primeira unidade fabril, a fábrica de pás de rotor, foi inaugurada a 15 de Novembro de 2007 e representa um importante passo na instalação do cluster nacional para a energia eólica, dando-se início ao fabrico e exportação de um produto com crescente procura nos mercados internacionais.

# 03

## BIORUMO COMUNICAÇÃO COM SENTIDO

Criada em 1998, a BioRumo orgulha-se de operar numa das áreas que, na actualidade, mais importância assume perante os cidadãos – o Ambiente e a Sustentabilidade. Numa sociedade cada vez mais exigente as empresas deverão corresponder activamente e eficazmente às suas solicitações. Os conceitos de responsabilidade social empresarial (RSE) e, de uma forma mais abrangente, o desenvolvimento sustentável, adquirem na actualidade cada vez maior importância. A BioRumo revela-se assim um parceiro das organizações para a implementação destes conceitos. Trabalha juntamente com os seus clientes para uma estratégia integrada na área do ambiente e do desenvolvimento sustentável. A BioRumo é parceira na implementação de uma estratégia de comunicação na área do ambiente. Com rigor e profissionalismo, acompanha as várias fases

dos projectos prosseguindo uma política “chave na mão”. Uma equipa multidisciplinar e com experiência na área permite a actuação na área do ambiente, desenvolvimento sustentado e responsabilidade social, sempre com atenção à componente da comunicação.

### **Alguns projectos mais recentes**

#### **ANUÁRIO DE SUSTENTABILIDADE**

Em Julho de 2005 a BioRumo editou o 1º Anuário de Sustentabilidade 2005. Um manual para a aplicação da Responsabilidade Social nas empresas, este Anuário revelou-se um precioso auxiliar, apresentando um conjunto de informações sobre Sustentabilidade e RSE. Já com três edições publicadas até 2007,

o Anuário de Sustentabilidade conta com um vasto leque de artigos de opinião, o relato de casos de sucesso na área da RSE e com um balanço no que diz respeito ao ambiente. Consta ainda do Anuário um directório com cerca de 2000 contactos de entidades ligadas ao Ambiente, para além de muitas outras informações úteis.

#### PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL “A ÁGUA E OS NOSSOS RIOS” DA AdDP

Pelo quarto ano consecutivo a BioRumo é parceira da AdDP na implementação de um Programa Educativo tendo como destinatários as escolas do 1º e 2º ciclos da área de intervenção da AdDP.

A BioRumo presta todo o apoio técnico a esta iniciativa através da concepção de conteúdos, manuais do professor, cadernos de actividades do aluno, jogos didácticos e apoio de um técnico junto das escolas durante todo o ano lectivo que auxiliará no desenvolvimento dos projectos específicos de cada uma.

#### RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE METRO DO PORTO

Em 2007 a BioRumo desenvolveu o 1º Relatório de Sustentabilidade da Metro do Porto. Como empresa de referência, a Metro do Porto assume uma política de transparência em todas as suas vertentes, materializando-a neste Relatório. A BioRumo desenvolveu todo o trabalho de consultoria, fazendo o levantamento e tratamento de dados ambientais, económicos e sociais bem como a posterior redacção do Relatório seguindo as directivas do índice GRI.

#### PROJECTO GUARDA-RIOS DA VALIMAR

A Valimar-ComUrb, está a desenvolver o projecto “Guarda-Rios” com vista a reforçar e promover uma cultura de conhecimento e de usufruto dos valores naturais da região, contribuindo para a preservação de habitats e paisagens, muitos deles em risco de degradação. A BioRumo está a fazer parte deste projecto através da concepção de dois materiais pedagógicos – o Mapa da Natureza e o Manual do Guarda-Rios Júnior. Com um conjunto alargado de informações e actividades práticas para desenvolver estes materiais revelam-se preciosos auxiliares dos mais jovens para as saídas de campo e interpretação da Natureza.

#### PROGRAMA CRIAR DA LIPOR

O Programa Criar, lançado pela LIPOR no contexto da comemoração dos seus 25 anos, pretende apoiar os cidadãos no lançamento do seu próprio negócio, através do acesso ao microcrédito. Este projecto pretende assumir-se como uma intervenção social destinada a reforçar a participação dos cidadãos no mercado de trabalho, nomeadamente através da criação e consolidação de micro-empresas.

A BioRumo desenvolveu o trabalho de consultoria do programa, bem como concebeu os materiais de divulgação. Foi também júri na avaliação das candidaturas apresentadas, que reuniram mais de 60 participações.



# 04

## A AREALIMA

A Arealima – Agência Regional de Energia e Ambiente do Vale do Lima resulta de uma iniciativa da extinta Valima – Associação de Municípios do Vale do Lima, no âmbito do Programa SAVE II da Comunidade Europeia, tendo sido legalmente constituída enquanto associação sem fins lucrativos em 22 de Dezembro de 1998 e tendo como objectivo contribuir para o desenvolvimento sustentável do Vale do Lima através da promoção de práticas de eficiência energética, do aproveitamento das fontes de energia renováveis e da preservação do património ambiental da região.

Os seus associados são a Valimar Comunidade Urbana; GALPEnergia, SGPS, S.A.; Estaleiros Navais de Viana do Castelo, S.A.; Portucel Viana, S.A.; Efacec Ambiente, S.A.; ADENE – Agência para a Energia; Portgás, S.A.; EDP Distribuição de Energia, S.A.;

Águas do Minho e Lima, S.A.; Resulima, S.A.; Hidroeléctrica Galaico Portuguesa, S.A.; SIIF Energie (Portugal), L.da; IPVC - Instituto Politécnico de Viana do Castelo; CEVAL – Conselho Empresarial do Vale do Lima; e ADRIL – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima.

### Os Projectos

Com o intuito cumprir o desiderato que justificou a sua criação, a AREALIMA tem vindo a promover iniciativas e a implementar projectos de diversa indole nas três vertentes de actuação da agência - promoção de práticas de racionalização energética, utilização das fontes de energias renováveis endógenas e valorização e preservação do património ambiental.

Assim, desde a sua constituição, a Arealima tem vindo a ser responsável: pela realização de auditorias energéticas quer em “Solares de Portugal” quer em edifícios municipais, em funcionamento ou em fase de projecto; pelo levantamento do potencial eólico do Vale do Lima - que inclui a recolha, processamento e avaliação dos dados meteorológicos e topográficos bem como a realização de estudos de impacte ambiental e de viabilidade económica e financeira associados à construção e funcionamento de parques eólicos no Vale do Lima; pela aferição da disponibilidade de resíduos florestais em zonas rurais do Vale do Lima, para aquecimento ambiente e de águas sanitárias em edifícios públicos; pela avaliação dos consumos de combustíveis nas zonas urbanas e industriais de Arcos de Valdevez e de Ponte da Barca; pela implementação dos planos de

formação “Formação para a Excelência Ambiental” e “Planeamento Estratégico para o Desenvolvimento”; pela dinamização de um conjunto de acções de sensibilização energético-ambiental junto das escolas do 1.º e 2.º ciclos do Vale do Lima; pela concepção do portal de ecovida ([www.portalecovida.com](http://www.portalecovida.com)); pela definição e animação da rede de ecovias e de percursos pedestres do território da Valimar.

Paralelamente a agência encontra-se a prestar serviços às empresas Eólica da Alagoa, S.A e ENERNOVA - Novas Energias, S.A, assegurando a recolha de dados e os serviços de manutenção de seis torres anemométricas instaladas no Vale do Lima, mais propriamente: Gião, Cruz Vermelha, Lombas, Monte Barreiros, Vila Franca e Salgueiros Gordos.



# Municípios da Valimar

ARCOS DE VALDEVEZ

CAMINHA

ESPOSENDE

PONTE DA BARCA

PONTE DE LIMA

VIANA DO CASTELO







# ARCOS DE VALDEVEZ UM AMBIENTE ACOLHEDOR

Dono de uma história, património e cultura únicos, Arcos de Valdevez possui um conjunto de características de excelência para que a ligação entre o desenvolvimento estratégico e o Ambiente caminhem de mãos dadas. A aposta no ambiente tem sido, por isso, uma prioridade do executivo camarário que tem promovido importantes passos em prol de um desenvolvimento sustentado, apoiado e dirigido, essencialmente, para um turismo ambiental de qualidade e para a criação de estruturas de apoio que sirvam, simultaneamente, as populações locais e os visitantes que chegam para usufruir do seu “ambiente acolhedor”. Apesar do esforço por ora promovido, e segundo o Presidente da edilidade local, Francisco Rodrigues de Araújo, “a nossa riqueza ambiental e arquitectónica, onde pontificam as casas solarengas, os centros rurais e o rico património

religioso, são vectores em que o denominado turismo de aldeia, de habitação e religioso tem um amplo caminho a percorrer”.

## APOSTAS NO AMBIENTE

De facto Arcos de Valdevez não é só gastronomia, cultura e património histórico. É também “casa” de uma das maiores riquezas nacionais, regionais e locais: o Parque Nacional da Peneda Gerês (PNPG). Aqui, um conjunto de espécies de fauna e flora – algumas das quais endémicas – tornam apetecível uma viagem pelas estradas sinuosas deste parque. Ciente da necessidade de cativar mais visitantes e proporcionar a mais correcta orientação naquele que é já um dos principais pólos de atracção turística e ambiental da região, o Município de Arcos de Valdevez apostou na criação de uma “Porta” no

Mezio, juntamente com a Associação de Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês (ADERE Peneda-Gerês). A instalação desta “Porta” deve-se, essencialmente, ao grande número de turistas e forasteiros que, todos os anos, procura aquele espaço e dá continuidade a uma ideia avançada em 1971, durante a gestão do primeiro director do PNPG, Lagrifa Mendes, que, para acabar com a anarquia das visitas, pretendia facultar aos visitantes toda a informação sobre os trilhos e as riquezas naturais existentes.

Em Arcos de Valdevez, o projecto da “Porta”, para além do centro de recepção, inclui um parque de merendas, um bar/restaurante no actual centro de interpretação, um edifício destinado a albergar uma pequena empresa de guias da natureza e uma ofi-

cina temática dedicada à execução de programas integrados em currículos académicos.

Mas, porque o património ambiental do concelho de Arcos de Valdevez não se esgota no PNPG, o executivo camarário tem vindo a promover, ao longos dos anos, um conjunto de investimentos de qualidade em torno das questões relacionadas com a valorização e preservação de áreas naturais onde se enquadra, por exemplo, a reabilitação das margens do rio Vez.

Inserido numa estratégia de intervenção integrada e sustentável do entorno do rio Vez, o arranjo urbanístico – empreitada orçada em cerca de dois milhões de euros - teve início em 2005 e contou com o apoio do Programa Operacional do Ambiente.



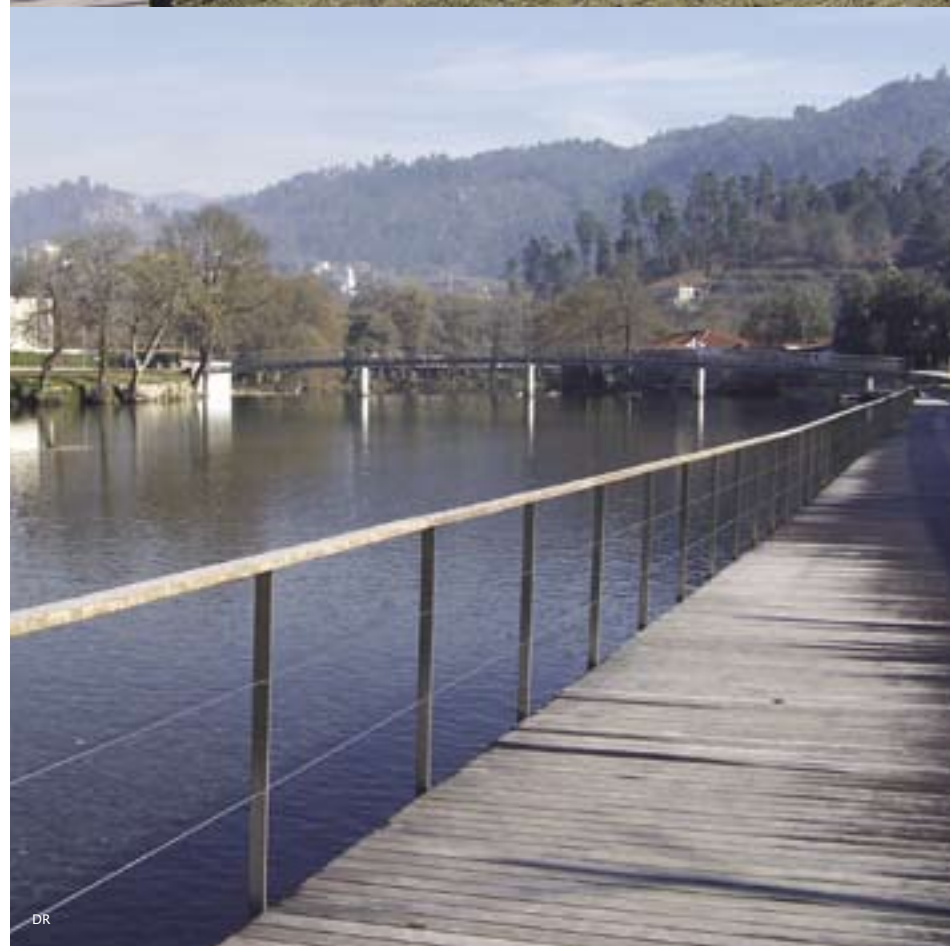
DR

Tendo como objectivo fulcral (re)centrar e reforçar a relação entre o rio Vez e a malha urbana que o envolve, foi objecto de intervenção o espaço entre a Ínsua do Campo do Trasladário (a jusante) e a zona do Centro Coordenador de Transportes (a montante). Assim, e ao abrigo deste projecto, foram criados/beneficiados: passeios para peões; zonas de estacionamento automóvel; espaços verdes e um conjunto diversificado de equipamentos (campo de jogos ao ar livre, bar, cafetaria, clube fluvial, circuito para peões e ciclistas e espaço polivalente - que poderá ser usado para a realização de feiras, apoio a festas ou instalação de equipamentos de diversão). E porque o projecto tem ainda subjacente uma preocupação acrescida com as travessias pedonais, foi construído um novo pontilhão sobre o açude.

Com esta intervenção, a fruição do rio Vez, verdadeiro ex-libris da vila retratado em lendas, tornou-se uma realidade, o mesmo acontecendo com a ligação entre o rio e vila, duas realidades que, durante anos, viveram de “costas voltadas”.

Certo de que para preservar é necessário saber e conhecer, paralelamente com estas iniciativas de carácter essencialmente material, o Município de Arcos de Valdevez tem também em marcha um conjunto diversificado de formações e acções de sensibilização ambiental junto das escolas.

As apostas nas energias renováveis, no saneamento básico, no abastecimento de água às populações e na construção de estações de transferência de resíduos sólidos são outros dos contributos de Arcos de Valdevez para um Território que tem, desde sempre, apostado no desenvolvimento sustentável.







O VELHO  
EM NOVO  
TRANSFORMAR

Orequinca  
PARK & STORE

JAMP

# CAMINHA É UM PARAÍSO NATURAL ONDE A DEFESA DO AMBIENTE É PRIORIDADE

**Saneamento, limpeza, sensibilização/prevenção e embelezamento dos espaços no topo da política ambiental da autarquia**

Caminha é, hoje, um município mais limpo e mais bonito, onde o ambiente é tema sempre na ordem do dia. Para além da atenção colocada em tudo o que tem a ver com a matéria, sensibilizar a população – especialmente os jovens – para as questões do ambiente é outra grande prioridade da autarquia. Vias públicas asseadas, instalação de contentores e ecopontos subterrâneos cada vez mais modernos e adequados às necessidades, a par dos espaços ajardinados, são alguns dos aspectos mais visíveis da política ambiental.

A Câmara Municipal colocou em funcionamento nas vilas de Caminha e Vila Praia de Âncora mais sete novos equipamentos subterrâneos de recolha de resíduos sólidos, sendo dois deles sistemas de Cytainer (sistema de recolha de resíduos selectivo) e cinco Ecotainer (sistema de recolha de resíduos

indiferenciados). Em breve, este número atingirá os 22 ecopontos.

Esta é mais uma grande aposta do município na área ambiental, já que a introdução destes novos contentores subterrâneos permite a melhoria da qualidade ambiental do concelho. Estes sistemas de recolha de resíduos possibilitam o embelezamento das ruas, ocultando à superfície os contentores e desencorajando o abandono dos sacos de lixo e a proliferação de odores.

“Eco-códigos: regras para poupar e preservar”, uma das muitas campanhas que foram levadas a cabo junto das escolas, no âmbito da cooperação entre a Câmara e a empresa SUMA, inseriu-se nas comemorações do Dia Mundial do Ambiente.

Já este Verão, uma outra iniciativa foi promovida junto dos automobilistas, sob o tema “Dê prioridade

CAMINHA

à limpeza e tenha um percurso em beleza”, com o objectivo de alertar para a importância da adopção de pequenos gestos fundamentais para o desenvolvimento de uma nova consciência de cidadania, que passa também pela limpeza das vias de comunicação. Campanhas com objectivos idênticos foram dirigidas a públicos diversificados, entre os quais os comerciantes utilizadores da feira de Caminha.

E o ambiente passa ainda pela qualidade das praias, campo em que o concelho tem feito uma forte aposta, tendo como resultado uma oferta de alto nível. As praias de Moledo e Vila Praia de Âncora voltaram a ser galardoadas com a Bandeira Azul, com esta última a receber também o troféu Praia Acessível, tendo em conta as condições que oferece a pessoas com mobilidade reduzida.



No que toca ao saneamento, um projecto de grande envergadura arrancou já na freguesia de Venade, a desenvolver em duas fases e articulado com a empresa Águas do Minho e Lima. O objectivo é cobrir toda a freguesia com saneamento público. Está também tudo preparado para o arranque de uma intervenção de fundo neste sector, na zona sul de Vila Praia de Âncora, que envolverá mais duas freguesias. O projecto, orçado em cerca de 1,5 milhões de euros, e designado “Redes de saneamento das freguesias de Vila Praia de Âncora, Vile e Riba de Âncora” está apenas dependente da confirmação do financiamento, resolvendo todos os problemas de saneamento num horizonte de quatro décadas. Também Cristelo tem um projecto de saneamento em fase de arranque.

Para além destas duas praias, há boas perspectivas de que mais quatro venham a obter, na próxima época, a Bandeira Azul: as duas praias do Camarido (a marítima e a fluvial) e a Praia das Rochas, em Moledo, estando as respectivas candidaturas já a avançar.

A monitorização constante da qualidade das praias, a garantia de infra-estruturas adequadas, a utilização de uma máquina de limpeza das praias e a aposta numa imagem nova em termos de sinalética têm produzido resultados altamente positivos, fazendo das praias do concelho das mais procuradas da costa nortenha.

A beleza, o verde e o colorido do município fazem de Caminha um local ideal para o lazer e o recarregar de ‘baterias’. E que sítio melhor para uns momentos de desporto ou relaxe do que as margens



do rio, no Parque Municipal? Completamente reabilitado, através de um projecto que inclui uma vasta área envolvente, o Parque Municipal de Caminha é a zona verde urbana mais importante do concelho, apresentando óptimas condições para utilizadores de todas as idades. Dezenas de árvores foram ali plantadas, tornando-se um belo ‘pulmão’ do concelho, dispondo de um passadiço em toda a sua extensão, convidando a aproveitar o verde. Desde Agosto deste ano, com novas condições.

A beleza natural do município poderá ser apreciada, em breve, de uma forma nova e saudável, através de uma ecovia que ligará Caminha a Âncora. Um projecto preparado pela Câmara e que se traduzirá na implementação de uma via para uso pedonal, mas que pode simultaneamente ser utilizada por ciclistas e, nalguns troços, ser aberta a passeios equestres.

Numa primeira fase, será uma ecovia ribeirinha/marítima, embora o projecto global possa vir a ser alargado a outras zonas do litoral ou do interior concelho, e também a concelhos vizinhos ou até à própria Galiza.

A criação desta ecovia é de inquestionável interesse ambiental e produzirá também efeitos ao nível do turismo, promovendo a harmonia entre o homem e o meio ambiente.

Desta harmonia nascerá um concelho mais saudável e limpo, mais atractivo para todos! Na primeira linha desta ‘construção’ estará sempre, atenta e activa a Câmara Municipal, que também já colocou em concurso a elaboração da Agenda 21, mais um passo para um bom ambiente e para a preservação do futuro.









# ESPOSENDE SENSIBILIZA POPULAÇÃO PARA AS QUESTÕES AMBIENTAIS

Esposende é terra de ambiente, onde os projectos proliferam de forma evidente. Por essa razão, a edilidade criou uma empresa municipal que trata dos assuntos ambientais e que tem vindo a desenvolver diversos projectos de envergadura, designadamente o Projecto de Horticultura Terapêutica, o Projecto de Educação Ambiental e um Sistema Integrado de Gestão da Qualidade e Ambiente.

O Projecto de Horticultura Terapêutica (PHT) foi criado em 2002 na Câmara Municipal de Esposende e tem como principal objectivo desenvolver programas de acção ambiental e terapêutica junto de populações com necessidades especiais do concelho de Esposende.

No sentido de dar resposta às crescentes dinâmicas registadas na sociedade pretende-se, com o Projecto de Horticultura Terapêutica, promover uma maior consciência ambiental e social, envolvendo

populações de risco em dinâmicas sociais importantes. Desde 2002 que as actividades têm como público alvo jovens portadores de deficiência mental/física, idosos e alunos com necessidades educativas especiais. No entanto, e face à realidade social e ambiental concelhia, o PHT foi alargado a novos públicos alvo, nomeadamente a pacientes em recuperação de problemas ligados ao alcoolismo e a doentes com paramiloidose.

Assim, no âmbito deste projecto, existem assim cinco programas segmentados para os diferentes grupos, nomeadamente o “Programa Ambiente Sénior”, programa “Ambiente sem barreiras”, “Programa HT na escola”, “Programa HT na CISE” e por fim o “Programa Pezinhos no Jardim”. O principal desafio do PHT prende-se com a eficaz adequação de acções face às realidades sociais e ambientais que surgirão no futuro. Isso só será possível, com uma adequada segmentação de acções sobre questões pertinentes

ESPOSENDE

e actuais, envolvendo novos grupos sociais de risco. Só assim será possível apelar à tomada de consciência ambiental e social para questões preocupantes na nossa sociedade, onde se pretende uma mudança real de mentalidade no sentido de construir uma base sólida na construção de um desenvolvimento sustentável.

O Sistema Integrado de Gestão da Qualidade e Ambiente (SIGQA) é um sistema de gestão e a sua certificação tem várias vantagens, quer a nível interno, quer a nível externo. A nível interno, a certificação contribui para uma clara melhoria da organização, proporcionando organização e disciplina, definição correcta de funções e de objectivos de cada um dos utilizadores do sistema. A nível externo, a certificação confere às organizações um maior prestígio, uma vez que conseguem evidenciar qualidade perante os seus clientes, conduzindo, naturalmente, a uma significativa redução dos conflitos com os mesmos e a um aumento da sua satisfação face aos serviços prestados.

O Sistema Integrado de Gestão da Qualidade e Ambiente permite aos colaboradores da Câmara Municipal de Esposende, aos clientes (municípios em particular e cidadãos em geral) e aos fornecedores, bem como a todas as restantes partes interessadas, actuarem eficazmente para que os objectivos da qualidade e ambiente sejam alcançados, com o intuito da concretização da Política da Qualidade e Ambiente definida, da salvaguarda dos recursos ambientais e da prestação de um serviço de qualidade. O principal objectivo da Câmara Municipal de Esposende é o de prestar serviço público de qualidade, assentando as suas actividades numa missão de

satisfação dos munícipes, de melhoria da qualidade de vida no concelho e de valorização profissional dos seus colaboradores, por forma a promover o desenvolvimento harmonioso e equilibrado do concelho de Esposende.

O Projecto de Educação Ambiental (P.E.A.) da Câmara Municipal de Esposende teve início no ano de 1997 e as actividades desenvolvidas desde então tiveram como público-alvo preferencial a comunidade educativa desde o ensino pré-escolar até o ensino secundário. A sensibilização e formação dos mais novos para as questões ambientais tornou-se o principal objectivo, dado que a identificação dos problemas ambientais e a definição de soluções de âmbito local, constituem passos decisivos e fundamentais na estratégia que visa o desenvolvimento sustentável. Este projecto tem tido uma evolução contínua através de acções de educação ambiental que têm contemplado outros públicos-alvo, nomeadamente, empresários agrícolas locais.

No que concerne às actividades relativas à comunidade educativa, são desenvolvidos anualmente, uma série de projectos temáticos sobre várias vertentes ambientais, os quais foram criados no sentido de proporcionar aos estabelecimentos de ensino/instituições, a possibilidade de desenvolver determinados temas chave que satisfaçam as questões mais importantes em relação ao meio ambiente que os envolve. Por outro lado, atendendo que o sector agrícola do concelho tem um peso económico significativo, têm-se desenvolvido vários projectos/actividades/iniciativas, entre os quais salientam-se, a edição e divulgação de folhetos informativos assim como, o

apoio técnico directo ao agricultor, a realização de acções de formação/sensibilização abordando temas pertinentes como, a qualidade da água de rega (caracterização da qualidade das águas superficiais e subterrâneas do concelho/poluição do aquífero livre por nitratos de origem agrícola - Zona Vulnerável do Aquífero Livre entre Esposende e Vila de Conde (ZV1), uso de fertilizantes orgânicos e inorgânicos, conservação do solo, higiene e segurança no trabalho e armazenamento e utilização de produtos fitossanitários (Protecção Integrada).

Também desde 2001, encontra-se em funcionamento um Parque de Compostagem para Resíduos Sólidos Hortícolas no sentido de diminuir a quantidade de resíduos depositada em aterro e obter-se, por outro lado, um adubo orgânico 100% natural, o qual é utilizado pelos próprios agricultores. A preocupação desta autarquia no cumprimento das Boas Práticas Agrícolas conduziu à criação de dois pontos de recolha para Plásticos Banais Agrícolas, estrategicamente posicionados, proporcionando-se, assim, um destino final adequado a este tipo de resíduos.

Atendendo às preocupações ambientais que vão sendo cada vez mais uma realidade e uma imposição, a sensibilização da população em geral para as variadas questões relacionadas com a preservação do Ambiente, o apelo à tomada de consciência ambiental, tem constituído estratégias fundamentais para a política do ambiente levada a cabo por esta autarquia. Só desta forma é possível relacionar ambiente com crescimento, construindo uma base sólida para a implementação de um desenvolvimento sustentável.







# PONTE DA BARCA APOSTA NA SUA RURALIDADE PARA PRESERVAR O AMBIENTE

Ponte da Barca destaca-se pelo verde das suas montanhas e pelo ambiente hospitaleiro das suas aldeias. Inserido em pleno Parque Nacional da Peneda Gerês (PNPG), o município pretende investir fortemente naquilo que o distingue: o ambiente e o ordenamento do território de características rurais. Preservar a característica rural da região apresenta-se como uma vantagem competitiva em relação a outros territórios.

Desde logo, salienta-se o forte investimento, a par da construção de estruturas por parte da Câmara Municipal em articulação com a empresa pública Águas do Minho e Lima, no saneamento e abastecimento de águas. O objectivo é melhorar as condições de vida dos habitantes do concelho mas também preservar o meio ambiente, razão pelo qual fo-

ram já aplicados mais de 2.2 milhões de euros neste sector. Refira-se, por isso, que num plano de gestão integrada de Abastecimento de Água e Saneamento Básico da Comunidade Urbana Valimar.

Ponte da Barca aposta ainda na requalificação das suas aldeias. Em Parada - Lindoso, bem no coração do PNPG, estão a ser efectuadas intervenções públicas e privadas que permitam enobrecer aquela aldeia característica de montanha, nomeadamente a recuperação das fachadas das habitações locais e a requalificação das ruas. Em Germil, um projecto semelhante está em execução, desta vez com trilhos, zonas de lazer e a recuperação do património edificado e rural da freguesia. Na Ermida, foram colocadas as primeiras barreiras de protecção com revestimento em madeira e materiais endógenos,







que reduzem o impacto visual e ambiental na estrada sinuosa que conduz aquela freguesia isolada do concelho e aumentam a segurança rodoviária.

Paralelamente, e em conjunto com os municípios da Valimar ComUrb, Ponte da Barca está a construir uma Ecovia transversal aos quatro concelhos do Vale do Lima e dois miradouros (em Livramento - Sampriz e Ermida).

Para a execução de planos de pormenor das albufeiras de Lindoso e Touvedo (Salvador), foi apresentada a candidatura para um Gabinete Técnico Local.

E como a matriz da Valimar ComUrb é o Ambiente, Ponte da Barca optou por uma estratégia de defesa do ambiente e do ordenamento do território para tomar aquele concelho competitivo e atractivo. As estratégias do município - tal como comprovam

as posições tomadas pela autarquia relativamente ao anunciado cultivo de OMG's (Organismo Geneticamente Modificados) no concelho e na elaboração de um Plano de Acção de Desenvolvimento Rural - passam por uma abordagem do território diferente, elencando sectores de actividade como a floresta, as raças autóctones, o turismo rural ou o vinho como o elemento decisivo para a atracção de visitantes e de competitividade.

Ponte da Barca quer assim, com um conjunto de investimentos já efectuados e outros que estão previstos para breve, tomar o ambiente, o turismo rural e o património elementos indissociáveis do desenvolvimento sustentado da economia local.







**Cada vez mais, Ponte de Lima afirma-se como um marco nacional em questões de políticas ambientais. Nos últimos anos tem sido notório e marcante o desenvolvimento que o Concelho tem sentido nas áreas da preservação e melhoria das condições ambientais que nos rodeiam.**

# Ambiente

## ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DAS LAGOAS DE BERTIANDOS E S. PEDRO DE ARCOS

A Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos resulta hoje num espaço de eleição para todos quantos queiram viver momentos ímpares em perfeita sintonia com a natureza e descobrir a riquíssima cultura rural minhota. O projecto propõe ao visitante, de forma integrada, um alargado leque de actividades de cariz ambiental e cultural através da prestação de serviços como sejam, o transporte, o alojamento, a restauração (gastronomia típica), a interpretação e animação ambiental e animação turística e cultural, com base no seguinte conjunto de infra-estruturas e equipamentos, centro de interpretação ambiental (possui mediateca e auditório), ecovias (22 Km de percursos), postos e torres de observação, centro de acolhimento, casas de abrigo, parque de campis-

mo, albergue, cozinha regional e quinta pedagógica (animais de produção pecuária, apicultura, estábulos, cavaliças, parques de gado, estufa, viveiros, campo de plantas aromáticas e medicinais, horta pedagógica, pomares, etc.), parques de merendas e áreas de lazer fluvial.

Na área protegida as actividades disponíveis estão directamente associadas aos valores em presença, a saber, percursos pedestres, visitas guiadas com ou sem actividades, observação de fauna e flora, percursos de bicicleta, percursos equestres (mediante marcação) e circuitos de manutenção, para além das inúmeras actividades lúdico pedagógicas e de in(formação) desenvolvidas no centro de interpretação ambiental.





A Quinta de Pentieiros, cuja principal missão se prende com a criação de uma forte ligação do visitante ao mundo rural e de tudo o que se lhe encontra associado, em especial do público mais jovem, concentra questões essenciais quer para o visitante quer para os objectivos a que se propõe, na medida em que oferece: alojamento, alimentação (cozinha regional ou possibilidade de aluguer de cozinha para confecção de alimentos), actividades de desporto aventura (ex. paintball, arvorismo, btt, jogos de dinâmica de grupo, jogos tradicionais, tiro com arco, orientação, act. de academia, entre outras como a canoagem, canyoning a realizar em locais próprios no concelho de Ponte de Lima) e como é óbvio diversificadas actividades rurais (ex. oficinas de artesanato, parque do pinchas (infantil e juvenil), maneio animal (equinos, bovinos, caprinos, aves de capoeira, abelhas), propagação, multiplicação e engorda de material vegetal, trabalhos relacionados com a horta pedagógica, desfolhadas, vindimas, cegada da erva, construções de cercas, medas e medeiros, campos de férias, ocupação de tempos livres, etc.

Para que os visitantes possam usufruir das actividades anteriormente referidas aconselha-se o contacto com os serviços Lagoas do Município de Ponte de Lima, não só para que as expectativas criadas sejam cumpridas, na medida em que nem todas as actividades estão disponíveis para o visitante ocasional, mas também para possibilitar que o visitante organizado opte por programas propostos ou, caso pretendam, criar em conjunto com os serviços Lagoas o programa que melhor sirva os seus objectivos, podendo por esta via conhecer outros locais

concelhos de elevado interesse, a destacar: Centro Histórico de Ponte de Lima, Museu dos Terceiros, Festival de Jardins, Parque Temático do Arnado.

### ECOVIA DO RIO LIMA

A Ecovia do Rio Lima entre Ponte de Lima e Bertandos faz a ligação perfeita entre a Vila e a Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos, permitindo o trânsito pedonal e de velocípedes sem motor.

Não temos qualquer dúvida do valor deste projecto, por isso, aposta-se na sua continuidade através da implementação do Projecto Caminhos do Lima, em que este troço se integra, e que será, a curto prazo, uma realidade na área do Concelho de Ponte de Lima, nas duas margens do Rio Lima. O Projecto Caminhos do Lima prevê a ligação dos vários caminhos entre os concelhos vizinhos.

Voltando ao troço, que já está devidamente sinalado, continuaram a ser efectuados os maiores esforços ao nível da recuperação da flora típica e execução de trabalhos que conduzam ao revestimento arbustivo, com rosas bravas, nas vedações em rede, tornando-se desta forma uma mostra da flora nativa da zona.

### Publicações

Com o formato de guia de bolso, ao longo das cerca de 50 páginas são-nos dadas diversas informações relacionadas com a estrutura ambiental, com destaque especial para os percursos – da Lagoa, das Tapadas, do Rio, da Veiga, da Água e Caminho do Rio Lima (a Ecovia) – e respectivas descrições.

Para além destas informações, apresenta muitas outras que - embora com a leveza a que deve estar associada um guia, detêm um rigor e critério de nota - são de salientar, como: acessos, normas de conduta, conselhos úteis para os visitantes, caracterização, paisagem, património biológico, valores patrimoniais e arquitectónicos, estatutos de protecção, infra-estruturas de apoio, alojamento, artesanato, gastronomia...

DR



Saliente-se ainda a existência de audio-guias para apoio, com descrições detalhadas, das visitas aos percursos e rotas propostos.

### Contactos

Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos

tel: 258 733 553 / Fax: 258 730 732

e-mail: lagoas@cm-pontedelima.pt

www.lagoas.cm-pontedelima.pt







## JARDINS DE PONTE DE LIMA

Paralelamente aos projectos de cariz essencialmente ambiental, a autarquia tem vindo apostar na qualificação dos espaços públicos através do incremento de áreas ajardinadas e elementos naturais da paisagem. De todos os projectos implementados destaca-se, pela originalidade e dimensão, o recentemente construído **Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima**.

O Festival de Jardins de Ponte de Lima, aberto todos os anos de Junho a Setembro, é uma oportunidade ímpar de apreciar a criatividade, a beleza e a interacção entre paisagistas, artistas, e outros criadores. Trata-se de um espaço único em Portugal onde podem ser apreciados doze jardins efémeros, a renovar anualmente sob a forma de concurso, inseridos num conjunto paisagístico notável e de realce, em que destacamos os labirintos, os jardins contemplativos à beira rio, os jardins dos putos e a piscina ao ar livre com as respectivas estruturas de apoio. Esta é, sem dúvida, uma oportunidade única de conhecer um magnífico exemplo de conservação e enaltecimento dos valores paisagísticos ligados ao meio rural.

Para além do Festival Internacional de Jardins e Parque do Arnado, Ponte de Lima orgulha-se de ocupar lugar de destaque em termos nacionais e internacionais, no que respeita ao embelezamento das suas artérias, sendo os diversos jardins e espaços ajardinados prova disso.

Ponte de Lima já foi objecto de atribuição de diversos prémios na área do Ambiente e Jardins, no-

meadamente: “Vila mais Limpa”, “Aldeias Limpas”, “Vila Mais Florida de Portugal”, menção honrosa e segundo lugar em duas participações no “Concurso Europeu de Vilas Floridas”.



## Publicações

Recomendamos, para um conhecimento mais aprofundado do Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima, a consulta ao respectivo livro recentemente publicado pelo Município de Ponte de Lima, bem como, ao regulamento de concurso disponível no site da autarquia.

## Contactos

Ponte de Lima – Portugal  
T: 351 258 733 553  
festivaldejardins@cm-pontedelima.pt  
www.cm-pontedelima.pt



# VIANA DO CASTELO

## UM PERCURSO À BEIRA MAR

Consciente da importância das zonas costeiras no equilíbrio e defesa do património natural e das potencialidades de fruição e lazer que as tornam os principais pólos de atracção turística na Europa, a Câmara Municipal de Viana do Castelo elegeu como uma das suas prioridades a defesa e valorização da orla marítima. A Autarquia tem dedicado especial atenção à requalificação das praias, à defesa dos cordões dunares e da respectiva flora e aos equipamentos de apoio logístico, resultando desse esforço que Viana do Castelo é um concelho da costa ocidental portuguesa com uma orla costeira das mais bem conservadas do país.

O Município tem organizado, para complementar este esforço, uma intensa campanha de educação

ambiental dirigida a todos os munícipes, mas incidindo de modo especial na população escolar.

O litoral de Viana do Castelo apresenta uma variedade paisagística, em que coexistem em perfeita harmonia os patrimónios natural, paisagístico e cultural, que lhe conferem uma identidade única e de qualidade excepcional.

O percurso ao longo de 24 quilómetros de diversidade da orla costeira, compreendendo extensos areais, formações dunares, praias rochosas, zonas húmidas, veigas e matagais é de uma elevada beleza cénica, desde Afife a norte até Castelo de Neiva a sul, passando pela zona estuarina do Lima, berço da cidade marinheira.





Na verdade, o velho burgo da Foz do Lima fez história pela sua ligação ao mar, relação que, através dos séculos, foi deixando indeléveis e notáveis marcas no seu património construído.

O litoral, onde se alongam e prolongam formosas e acolhedoras praias, marcou também profundamente a vivência dos povos ribeirinhos que do mar tiravam o sustento e dele recebiam influências caracterizadoras que ainda estão a dar contributo inestimável para a riqueza etnográfica do concelho.

A literatura tem sido, também ao longo dos anos, um veículo para muitos autores falarem da nossa cidade e da sua envolvente muitas vezes com textos de muito empenho e paixão.

*Eu sou de Viana cidade,  
Eu sou de Viana que é vila.  
Sou de Viana e sou da aldeia  
Sou do monte e sou do mar.  
A minha terra é Viana!  
(...)*

**Pedro Homem Mello**  
Poesias Escolhidas  
Porto, 2004.





# Apontamentos da Valimar

Valimar ComUrb









## A VILLA MORAES

Escondida por frondosas árvores quase tão antigas quanto o palacete, a Villa Moraes destaca-se de entre os restantes edifícios da vila mais antiga do país. A Villa Moraes é um exemplar notável de arquitectura dos chamados “torna viagem” e encerra um magnífico e valioso património arquitectónico e artístico que foi alvo de uma recente recuperação. Em Ponte de Lima, o palacete guarda nas suas paredes parte da História do concelho e acolhe as instalações funcionais da Valimar ComUrb.

### A HISTÓRIA

Data de 1892 a criação da Quinta da Villa Moraes, constituída a partir da compra do Pomar do Marquês de Ponte de Lima e de parte da cerca do extinto Convento de Santo António dos Frades dos Capuchos. Adquirida por João Rodrigues de Moraes, regressado

do Brasil onde tinha feito fortuna, a vivenda e jardins começaram a ser erguidos nesse mesmo ano e, segundo informações recolhidas por Adelino Tito de Moraes e transcritas em “Palacete Villa Moraes – Subsídios históricos”, “o projecto do palacete Moraes de Ponte de Lima teve por base o do irmão Miguel Francisco Rodrigues de Moraes, na cidade de São Salvador da Baía”. A Villa Moraes construída em Ponte de Lima é, por isso, muito semelhante a um palacete que existe no Brasil mas, na realidade, distingue-se pelo seu rasgo único que nomes como o do arquitecto António Tomás Ferreira Cardoso lhe proporcionaram.

A vivenda novecentista com rasgos do Neoclassicismo está classificada como Imóvel de Interesse Público tendo sido erguida sob as ordens de mestres como António Pereira Correia. Na construção da

casa participaram nomes sonantes e os melhores artistas da época, como o comprovam as pinturas interiores, que são hoje um espólio arquitectónico único e que foram assinadas por Alves Cardoso, José Campas e António Carneiro.

O desenho original da Villa Moraes apenas foi alterado nos anos 20 com a construção de uma sala de bilhar, arrumos de cozinha, lavandaria, coberto e porta virada para o parque. “Embora inestético e com grande depreciação da fachada norte, o acrescento marca a entrada da Arte Nova em Ponte de Lima”, sublinha o mesmo autor, acrescentando que são os ferros das escadarias e das janelas da cave, o balneário do court de ténis, a lavandaria e a estufa que marcam a época vintista que Portugal adoptou.

#### DA DEGRADAÇÃO AO RESTAURO E RECUPERAÇÃO

Com a morte de Rodrigues Morais, o palacete cuja riqueza de espaços como a sala do vestíbulo, de jantar e de hall constituem rico património deixado pelo emigrante do Brasil, ficou entregue à Santa Casa da Misericórdia, que ali instalou posteriormente as Oficinas de S. José.

Entretanto e ao longo do tempo, a Villa Moraes albergou escolas e um pólo de uma universidade, tendo sido recentemente alvo de uma recuperação integral. Mediante um protocolo assinado pela Câmara Municipal de Ponte de Lima e pela Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, o espaço foi arrendado à primeira pelo período de trinta anos. Este protocolo viabilizou igualmente a recuperação do espaço, que a falta de manutenção e o abandono ao longo de várias épocas deixaram deteriorada e em risco de ruína.

Entre 2003 e 2004, o palacete foi alvo de um trabalho exaustivo de recuperação, tendo sido criado um grupo de gestão de conservação e restauro do edifício que, para além de eliminar as causas da degradação dos espaços, utilizou métodos, técnicas e produtos compatíveis aos utilizados na época em que a Villa Moraes foi construída. Em fase de recuperação estão também os jardins do palacete, espaços dignos de destaque pelas várias espécies florestais muito raras e um conjunto de lagos, grutas e estufas de Inverno.

#### DO RESTAURO ÀS NOVAS VALÊNCIAS

A Villa Moraes acolhe, desde o passado mês de Julho, os serviços da Valimar ComUrb. No entanto, as diversas salas e espaços nobres do palacete, estão disponíveis para os mais diversos eventos. Para além de ser um espaço de recepção e protocolo, a Villa Moraes pretende acolher a realização de acções de formação, reuniões diversas, conferências, seminários e colóquios, exposições, mostras e lançamentos de produtos, concertos e outros espectáculos. O espaço da sala de jantar, assim como de outras salas permitem ainda a prestação de um serviço de restauração e catering diversificado: almoços e jantares de negócios, coffee-breaks, pequenos-almoços e lanches, buffets, cocktails, Verdes de Honra e Provas de Vinho.

Quer o edifício, quer os jardins, oferecem, desta forma, uma variedade de espaços e serviços, que podem ser ajustados e equipados de acordo com as diferentes necessidades e especificidades de cada evento.





**...não conhece de Portugal a porção de**

**céu mais vibrantemente viva e alegre”**

*Ramalho Ortigão*

